

# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II—N.º 88—Lisboa, 21 de Janeiro de 1943  
NÚMERO AVULSO: 1 ESCUDO



O Prof. Dr. Abel Salazar no seu laboratório. O eminente homem de ciência realizou agora no Instituto do Cancro, duas notáveis conferências. Numa delas, a primeira, apresentou uma nova teoria sua sobre a «Familia granulocítica e a reacção cianotamófila».



DR. TRIGO DE MEDEIROS

Ilustre Sub-Secretário de Estado das Corporações, deve-lhe o País uma obra de reconstrução social que é de justiça reconhecer e louvar. Dentro das atribuições do seu alto cargo, acaba de dar realização a uma velha aspiração dos jornalistas, decretando para eles a obrigatoriedade dos vencimentos mínimos.



DR. FERNANDO CABRAL

Antigo secretário geral da Sociedade de Concertos de S. Carlos, no desempenho de cujo lugar fez representar pela primeira vez em Portugal as obras «Parcifal», de Wagner, «Boris Goudonov», de Mussorgski, «Cavaleiro da Rosa», de Strauss, e «Peleas et Melissand», de Debussy, foi agora nomeado, num alto posto de justiça, delegado do Governo junto do Teatro de S. Carlos.



DR. RENATO GONÇALVES PEIREIRA

Ilustre Desembargador da Relação, acaba de publicar a obra «A Marinha Mercante e a valorização do Ultramar», que constitui um valioso subsídio para o estudo do grande problema nacional das relações do ultramar com as colónias.

# AQUI entre Nós

## Inventário & Balanço

### O SONHO DO BARCO VOADOR



HA anos, houve quem pensasse nesta coisa admirável: transformar o Chiado num Estado independente. As opiniões divergiam, porém, quanto ao regime político que ele devia adoptar. Enquanto uns queriam que esse Estado fosse monárquico, com a capital no Turf, outros queriam que ele fosse republicano — com a capital na Brasileira. Talvez porque as opiniões nunca se conciliassem — na verdade não era fácil — o Chiado não mudou de estado ou, melhor, continuou integrado no Estado a que pertencia. Decorridos alguns anos, a ideia volta a aflorar a certos espiritos. De novo se fala na independência do Chiado. Mas novamente também a forma de governo suscita profundas divergências. Nós próprios hesitamos entre o sr. Gualdino Gomes de barrete frio, ou o sr. Afonso Lopes Vieira — de manto e coroa. Oh! a political!



POR esse país fora, os lobos, assodados pela fome, têm descido aos povoados. É a eterna luta pela vida. Não podemos levar-lhes a mal, quaisquer que sejam os prejuízos que nos causem. Aos homens resta apenas um caminho: defenderem-se. O mais forte ou o mais astuto é que vencerá. E, entretanto, o mal que o lobo faz ao homem é infinitamente menor do que aquele que o homem faz ao seu semelhante. *Homo homini lupus* — já dizia o velho Plauto, há mais de dois mil anos. Que diria este honrado varão se vivesse hoje!



É claro que a vida intensa tem os seus riscos. Antes da invenção de Franklin não se morria electrocutado — a não ser por descarga despenhada das nuvens; em S. Pedro de qualquer coisa sobre os montes, aldeia remota e pacata, não há o risco de ficar sob o carro eléctrico. Dêesses riscos não há que temer — mas a população nem por isso se dá por muito contente, antes mostraria seus desejos de os correr também. Assim, Lisboa, em muitos aspectos, a guerra bateu à porta do mundo e muita gente de por aí fora, numa revoadada de inquietações, passou a fazer poiso por aqui — gente de todas as latitudes. E isto cresceu de movimento, com aviões enormes, resfolegantes, partindo e chegando todas as horas, nas pistas cimentadas da Portela ou nas águas lisas de Cabo Ruivo. São muitos e são bons, mas, precisamente porque são muitos, um desastre corrido em movimento tão intenso e tão constante é uma percentagem mínima que quasi não conta na rigidez das estatísticas. Não obstante, custou 13 mortes — e outras tantas famílias aí estão a deplorar o acidente como sendo o mais negro momento da sua vida. É bom recordar-se que voava em simples experiência — de motor reparado e posto na véspera — o avião que se despenhou com os seus 15 passageiros nas águas cinzentas do Tejo. E não deixa de ser uma crueldade do destino que tão abruptamente fôsse cortado o pequeno sonho satisfeito de uma dúzia de pessoas modestas, todas de vida chegada à vida do aeroporto marítimo; todas habituadas a ver colar e descolar os luxuosos e imponentes aparelhos; todas certas da sua segurança; todas fartas de ver subir e descer gente rica, sossegada da sua existência, que partia ou chegava de viagem como se de prazer viessem. Os olhos de toda aquela pobre gente encheram-se de gula, um dia, um mês, um ano. Finalmente, tinham conseguido satisfazer o seu sonho!

— Se quiserem amanhã, dá-se uma voltinha sobre Lisboa...

Muitos dêles, nessa noite, talvez não tivessem podido dormir, só de emoção, de contentamento por uma ambição que iam satisfazer. Afinal, o sonho prolongou-se. Prolongou-se, para alguns dêles — pobres visionários de grandezas alheias! — até ao infinito!

### EMPREGADOS E PATRÕES

O hoteleiro Alexandre de Almeida reuniu em sua volta, à mesma refeição, numerosos colaboradores da sua indústria — mais de 300 empregados de todas as categorias. O pretexto da festa não importa, antes valendo focar a sua significação. Cada um terá sentido por si o valor da obra em comum e do esforço de continuidade, porfiada durante 26 anos. Quando os chefes de empresa compreendem e reconhecem o valor desta colaboração, não há dúvida de que têm a sua tarefa simplificada pela espontaneidade dos seus colaboradores. Alexandre de Almeida, sentindo-o, não hesitou em o proclamar. Esta sinceridade é outra razão de louvor.

### O «PRÉMIO RAMOS PAZ»

A administração de um legado de 3.000\$00, instituído por Francisco Ramos Paz, foi confiada à Academia de Ciências, para a atribuição de um prémio destinado a compensar a obra de literatura, de qualquer índole, que melhor enalteça a inspiração brasileira. O rendimento do legado não é coisa por aí além — pelo que não permitirá a sua atribuição anual — mas importa dar realce ao significado do prémio. É mais um motivo de comunhão espiritual entre Portugal e o Brasil, o que, entre nós, sempre merece o mais grato e jubiloso registo.



BARRETO DE OLIVEIRA

Escritor militar distinto, foi-lhe conferido o «1.º Prémio de Colaboração de 1942, instituído pela «Revista Militar», pelo seu trabalho «Alguns ensinamentos da guerra actual».



DR. ANTÓNIO LUIS PEREIRA

Um dos elementos mais destacados da sua geração, ascendeu agora, por mérito próprio, a um dos mais altos cargos oficiais, sendo nomeado juiz auditor da Alfândega de Lisboa.



DR. AMÉRICO DURÃO

Um dos maiores valores da moderna poesia portuguesa. Poeta de aguçada sensibilidade e de alto sentido estético, o seu último livro «Tômbola», agora editado, é mais uma prova do seu real merecimento.



GOMES MONTEIRO

Jornalista de grande merecimento e escritor consagrado por algumas obras de história das mais valiosas da literatura portuguesa, acaba de publicar uma biografia sobre «Giraud» que é, sem dúvida, dos trabalhos do género mais completos que até hoje têm sido editados em Portugal.

# Ha 30 anos

## que naufragou em Leixões

# O "VERONESE"

## que custou a vida a 41 pessoas

**O** mar — livro imenso onde gerações sem conta têm escrito páginas inapagáveis de grandeza heróica; esse mar amigo e carinhoso que engrinalda de espuma as nossas praias e que é ganha-pão de tantos milhares de pescadores — tem de quando em quando o seu momento impulsivo de revolta.

Erguendo-se em montanhas agressivas, as vagas assaltam, cobrem e embrulham no seu seio convulsionado pequenos barcos e grandes vapores, reduzindo-os a espantosa insignificância ou mesmo acabando por vencê-los, depois de desmantelados, esmagados, desfeitos...

Esta é a faceta trágica da luta dos elementos com o limitado poder humano. E na luta tenebrosa, desigual, o homem perde quasi sempre, deixando que o destino fatídico lhe apague da ardósia da vida o nome para o inscrever na lista do martirólogo do mar.

A costa portuguesa, dourada umas vezes por reflexos do sol escaldante e outras abobadada por céu negro, cõr de chumbo, pesado, a desabar sobre a terra desfeito em água, tem esmagado, com egoísmo feroz, intolerante e

impiedoso, embarcações e vidas que vão desaparecendo à vista de denodados heróis que se esforçam e lutam para os salvar.

Cada um desses dramas forma capítulo especial ampliador da epopeia trágico-marítima, exercendo, nos momentos próprios, contagiadora influência nos corações e nas almas da multidão emocionada que sente, sofre e vibra perante os grandes espectáculos.

### O NAUFRÁGIO DO «VERONESE»

foi o mais célebre dos últimos 30 anos. Ocorreu a poucos metros de terra, defronte da Boa Nova, ao norte de Leixões. Fêz no passado sábado precisamente três décadas de anos.

Janeteiro invernos e frio. Dia 16 — quinta-feira — às 5 horas da madrugada. Névoa espessa formava, na atmosfera, traçoeiro painel. O poder visual não alcançava, do mar, a costa nem os escolhos.

Leça da Palmeira dormia, e na capelinha da Senhora da Lapa, no lugar das Lages, erguida a médo sobre o corcovo duma duna debruçada resignadamente na praia, ardia, como ainda hoje, perpétua luz votiva ao Senhor dos Navegantes.

O «Veronese», depois de ter



embarcado passageiros em Liverpool e em Vigo, dirigia-se a Leixões. O porto de mar da capital do norte não oferecia, a esse tempo, as mínimas condições de segurança — não possuía sinais luminosos nem sirenes.

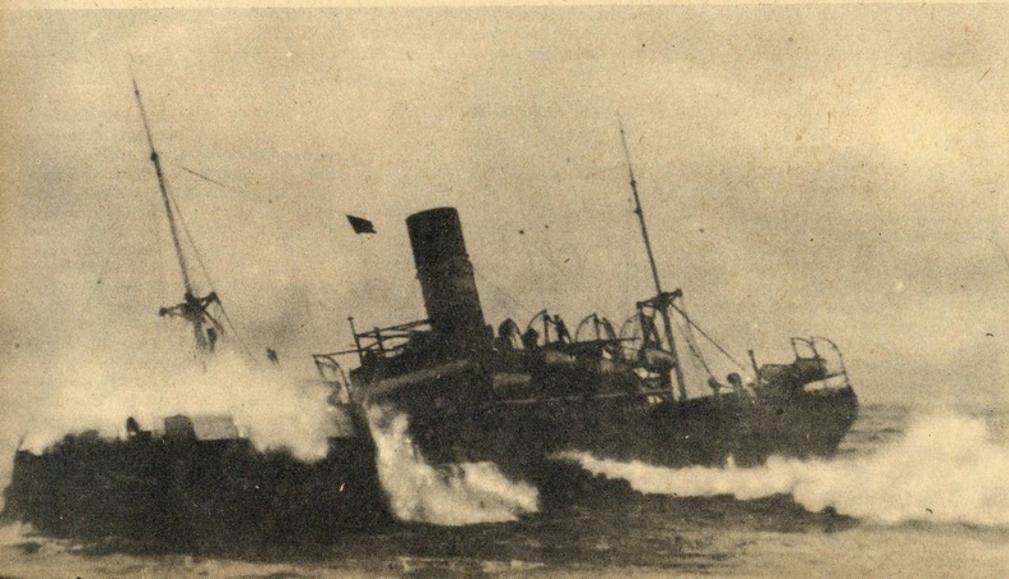
O herói das campanhas de África, sr. coronel Laura Moreira, que dirigiu, em terra, os trabalhos de salvamento, descreve ao jornalista portuense Jaime Ferreira as principais cenas do naufrágio do «Veronese».

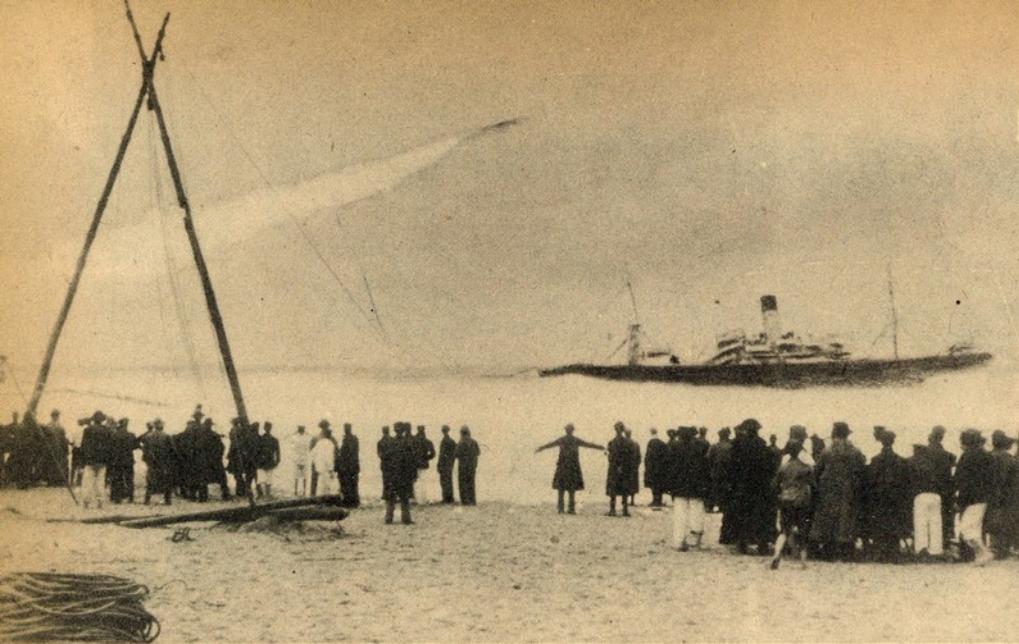
Enganada no rumo, a grande cidade flutuante encostou-se demasiado a terra. Um estoque de água impulsionado por rajada ciclónica, acavalou parte do monstro blindado sobre o cabeço das rochas submersas. Dos camarotes onde dormiam, saíram, espavoridos, homens, mulheres e crianças. Em volta, como garras ferozes de monstros invisíveis, as vagas rugiam furiosamente.

### HORAS DE PALPITANTE ANSIEDADE

Um guarda-fiscal deu o alarme.

Com cerca de 250 pessoas a bordo, o «Veronese» é atacado, furiosamente, pelas vagas alterosas e destruidoras.





Depois de montados os serviços de socorros, os Bombeiros Voluntários de Matozinhos-Leça lançam um foguetão para o estabelecimento do cabo de vai-vém — a uma distância de 300 metros. Por este cabo, foram salvos 92 dos náufragos, depois de terem embarcado nos salva-vidas 102.

Meia hora depois, a praia era campo enorme onde se juntavam milhares de pessoas. A manhã clareou. Aos gritos dos náufragos, juntavam-se a ira do mar e as vozes comovidas da multidão que assistia àquela agonia lenta, cruciante, apavoradora.

As vagas alterosas que se quebravam por entre os rochedos e açoutavam o costado do vapor, eram tão terríveis e temerosas que não permitiam a aproximação dos barcos salva-vidas. Destazendo-se em cachões de espuma, as ondas varriam o convés. De terra, enquanto sob as ordens do sr. coronel Lauro Moreira os Bombeiros Voluntários de Matozinhos-Leça montavam o serviço de socorros e se propunham lançar os primeiros foguetões, via-se, claramente, a tripulação e os passageiros abrigados a sotavento das câmaras e alojamentos, sobre o «spardek». Entretanto, uma ou outra vaga arrastava consigo um homem, uma mulher ou uma criança arrancada aos braços protectores.

Como o vento desviava a trajectória dos foguetões, um moço valente — o marinheiro Vitor Gousson — quis atirar-se ao mar e levar, a nado, o fio para estabelecimento do cabo de vai-vém. As autoridades marítimas não consentiram a realização desse acto de heroísmo, por o considerarem autêntico suicídio.

#### CENAS PATÉTICAS DE TERROR E A MONTAGEM DO CABO DE VAI-VÉM

O rolar infrutífero das horas aumentava o desânimo a bordo. O que se passava, a meio da tarde, era indescrevível. Na tolda, a todo o momento varrida pelo mar, viam-se grupos de criaturas que, numa suprema angústia, se abraçavam e choravam, enquanto outras, de mãos erguidas, desvairadas pelo terror, imploravam misericórdia perante o céu caliginoso de tempestade.

Apesar do mau tempo e dos frequentes aguaceiros, muitos milhares de pessoas percorriam a pé o péssimo e escabroso caminho, cheio de água e lama, entre Leça e a Boa Nova, enchendo a praia

desde o romper do dia até alta noite. Em volta da capela, bôças feminis erguiam em côro de harmoniosas cadências orações e preces a Deus.

Dos que trabalhavam na praia, alguns foram sacrificados pelo mar enraivecido. Mas ninguém arredou pé até que foi montado, quasi ao anoitecer, o cabo de vai-vém, que trouxe para terra, dentro da bóia-calção, o primeiro sobrevivente — miss Dorotea Olkat, de 15 anos de idade. No primeiro dia, fizeram-se mais salvamentos. Depois, o cabo rebentou, sendo preciso o mesmo esforço, no dia immediato, para o seu restabelecimento.

Os últimos náufragos a virem para terra sofreram três dias e duas noites de angustiosa incerteza. O serviço tomou-se moroso. A bordo, não havia mantimentos. No entanto, quem dirigia os socorros tudo previu, tendo-lhes sido enviado, pelo cabo, géneros indispensáveis e água potável.

Ao terceiro dia, com o mar mais brande, fizeram-se ao largo os salva-vidas «Cego do Mato», da Póvoa, e «Rio Douro», da Afurada, que por entre «hurrahs» recolheram, numa abordagem difícil mas feliz, as 102 pessoas que ainda estavam com vida no «Veronese».

#### PORTUGAL DETÉM O «RECORD» MUNDIAL DE SALVAMENTO POR CABO DE VAI-VÉM

O naufrágio do «Veronese» deu a Portugal o «record» do salva-

mento por cabo de vai-vém, conforme atestaram na ocasião — e ainda o «record» não foi batido — as entidades oficiais da Espanha, França, Inglaterra, Holanda e América.

O esforço empregado para salvar os 194 sobreviventes, visto 41 terem desaparecido arrebatados pelo mar ou afogados nos porões e câmaras quando do encalhe, é difícil descrever. Foi preciso um trabalho constante durante 58 horas a manobrar o cabo de vai-vém lançada à distância de 300 metros, para trazer à terra 92 pessoas. Para se calcular o que isso foi, basta dizer que para cada um dos 92 salvamentos passaram pelas mãos dos bombeiros, guardas e populares 700 metros de cabo, ou seja, no total, 64 quilómetros.

Os primeiros náufragos fizeram o trajecto até à praia em 15 minutos. Depois de afinados os serviços, cada um gastou, apenas, 3 ou 4 minutos no percurso.

O balanço total, dá: 92 salvamentos pelo cabo de vai-vém; 102 pelos barcos salva-vidas e 41 o número de desaparecidos.

O País esteve de luto rigoroso com esta tragédia, tendo o então Chefe de Estado, dr. Manuel Arriaga, enviado propositadamente ao Pôrto o sr. dr. Forbes Bessa, a fim de apresentar condolências



Ao desembarcarem do salva-vidas, os náufragos saúdam a multidão que comovidamente os aguardava.

Na gravura de baixo, vê-se um aspecto do bando precatório que percorreu as principais ruas do Pôrto, a favor dos náufragos sobreviventes.



ao chefe do distrito.

Para valer à precária situação dos náufragos, a Academia promoveu um bando precatório que a população acolheu com simpatia, contribuindo, generosamente, para fim tão humanitário.

Enquanto o mar permitiu, brigadas de trabalhadores salvaram o que puderam. E o casco abandonado, submerso durante tantos anos, foi há poucos meses desfeito a dinamite e guindado para barcaças com o auxílio de mergulhadores.

O que há 30 anos se abandonava por não valer a importância compensadora da despesa e trabalho, agora, com a guerra, foi alvo da atenção de quem precisa de sucata. Devido às circunstâncias anormais, em que tudo deve ser aproveitado, já não resta coisa alguma do «Veronese» no mar da Boa Nova...

(Fotografias de António Silva)  
(Fotografia retrospectiva de JAIME FERREIRA)

# Entre nós

Guilhermina Suggia — a artista portuguesa de renome mundial que vai colaborar nos cinco concertos extraordinários que o notável maestro britânico Malcolm Sargent vai dirigir — recebeu as primeiras lições de seu pai, Augusto Suggia, excelente mestre de violoncelo. Em Leipzig, aos quinze anos, estudou com Julius Klengel, como pensionista do Estado. Dois anos mais tarde estreou-se nos concertos do Gewandhaus, com Artur Nikisch, em Leipzig, obtendo desde logo um dos êxitos mais completos de que há memória na história dos grandes «virtuosos». Começou então a sua gloriosa peregrinação por toda a Europa, encantando e arrebatando os públicos da Alemanha, Holanda, Rússia, Polónia, Áustria, Bélgica, Suíça, Escandinávia, França, Espanha e Inglaterra. Tendo fixado, por algum tempo, residência em Londres, é aí considerada como a primeira violoncelista do mundo. A nossa gravura mostra-nos um quadro da grande artista pintado por Augustus Johar, um dos melhores pintores ingleses contemporâneos.



Na Academia das Ciências de Lisboa, o professor dr. Moreira Júnior deu posse ao seu sucessor na presidência da corporação, sr. dr. Júlio Dantas. O acto foi muito concorrido, e o sr. Joaquim Leitão, que secretariava, leu inúmeros telegramas, especialmente de Lisboa, do Porto e de Coimbra, felicitando o novo presidente da Academia.

No dia 11 deste mês, no Supremo Tribunal de Justiça, efectuou-se uma sessão solene para abertura do novo ano judicial. A assistência, entre a qual se encontravam juizes conselheiros, desembargadores, outros magistrados e advogados, enchia por completo a vasta sala, que estava decorada com plantas e flores. O sr. dr. Vaz Serra, ministro da Justiça, que presidiu, pronunciou um notável discurso.



Na Direcção Geral de Caminhos de Ferro realizou-se uma festa de homenagem ao sr. eng. Hermínio Soares da Costa e Sousa, chefe da repartição de Exploração e Estatística daquele departamento do Estado, que atingiu o limite de idade.



# 7 dias de 7 Cinema

por Fernando Fragoso

**E**U não sei se o leitor gosta dos filmes de Tarzan. Por mim, vejo-os sempre com a despreocupada alegria do espectador que busca, no Cinema, Romance e Aventura — e aquela dose de Evasão que só a tela nos pode proporcionar. Os filmes de Tarzan condensam ainda toda a literatura que fez as delícias dos nossos quinze anos, desde os livros de Júlio Verne até às novelas de Salgari, livros e novelas a que o cinema emprestou, por graça dos recursos próprios, uma auréola de deslumbramento, onde o realismo e o sonho se misturam estranhamente.

E lá vamos encontrar as florestas virgens, impregnadas de mistério, inçadas de perigo, que as caravanas, em fila indiana, têm que desbravar; os audazes caçadores brancos, cuja espingarda não treme, a dois passos do terrível rinoceronte, que contra ele arremete; as aldeias dos nativos, com os seus tambores de guerra, que ressoam, cavos e lúgubres, no silêncio das florestas; os ritos estranhos dos selvagens, que esprietam traiçoeiramente a expedição, que se aventura nas suas paragens — toda aquela África, enfim, que o europeu supõe existir, com elefantes, leões e antropófagos, a cada canto, uma África «ersatz», falsa, incontestavelmente, mas cheia de interesse e de encanto espectacular.

Os filmes de Tarzan revelam-nos ainda os animais sob um aspecto cheio de nobreza, no auxílio que dão ao homem, que se tornou no seu melhor amigo. Quando Tarzan lança, através do espaço, o seu grito gutural, a selva agita-se, e, de toda a parte, os bichos acorrem em socorro do seu amo e senhor. Tarzan poderia ser um herói de Kipling, um herói americano, bem entendido, campeão de «crawl», dos vãos à Leotard, e proezas de «souplesse» em cipó fixo...

O segredo do êxito dos filmes de Tarzan está na própria fantasia que os inspira. É essa a razão principal da atracção que exercem sobre as plateias.

\* \* \*

A princípio, houve quem se lembrasse de discutir as proposições inverosimilhanças de que os filmes estão recheados. O português é, por natureza, um crítico. Supõe dominar todos os problemas — e, por isso, discute todos os assuntos. Além de que está convencido de que vê muito mais do que os outros... Quando apareceu o primeiro Tarzan ficou contentíssimo consigo próprio ao verificar tantos e tão grandes «disparates». «Podia lá ser?!» — dizia ele. «O Tarzan, nato e criado na selva, com vestuários primitivos, e tão bem bar-

beadinho... E aquele trapézio escondido, entre as árvores?... E isto?!... E aquilo?!... E comentava, radiante com a sua própria sabedoria: «Estes americanos, sempre são muito estúpidos!...»

Com o andar dos tempos, o impiedoso e intransigente crítico da primeira hora foi compreendendo, que Tarzan era, através dos romances de Edward Rice Burroughs, uma personagem lendária, e que Weissmuller a encarnara à maravilha. E hoje já ninguém se lembra de comentar a indumentária ou a cara impecavelmente barbeada, porque se criou uma «abstracção» para estes filmes. O espectador sabe, de antemão, que tem que aceitar a figura e a fantasia de toda a história e recuar aos seus quinze anos para se deliciar novamente com um espectáculo ingenuo, mas saudável e optimista.

\* \* \*

Nos filmes de Tarzan, o «cam-

pismo» e o «naturismo» — tão em voga nos tempos que vão correndo — têm ainda uma expressão feliz e pitoresca. Tarzan e a companheira, em plena selva, são forçados a viver, como o homem das cavernas, quanto ao primitivismo dos meios... Têm sobre aquele, claro — Maureen O'Sullivan, pelo menos... — a vantagem de haver conhecido, noutra tempo, o chamado mundo civilizado. E, assim, no coração daquela África brilhante, mas falsa, eles procuram disfrutar de certas comodidades e luxos da vida citadina, lançando mão dos poucos recursos que, sob este aspecto, a floresta lhes pode oferecer... Não sorria o espectador do vigésimo ou trigésimo filme de Tarzan, se vir o nosso herói a fazer gelado de banana, com o auxílio de uma sorveteira, movida pela macaca «Cheeta», e construída com folhas de palmeira e troços de bambu...

E daqui se colhem saborosos efeitos cómicos e humorísticos, que

são, em sùmula, os mesmos que alegam o bando de rapazes e raparigas, que nos dias quentes do verão acampam, com as suas barracas de lona, nas encostas verdejantes da Arrábida, ou nas paragens altaneiras da Serra da Estrêla...

E se aos nossos veraneantes adoradores da Natureza lhes é dado o prazer de mergulhar na água cristalina do Portinho, ou no remanso das Lagoas — Tarzan poderá banhar-se nos rios umbrosos, que correm pelo meio da luxuriante vegetação da selva virgem, e à mingua de outros competidores, organizar corridas de natação com os crocodilos e aligatores — e batê-los, na ponta final, com as poderosas braçadas do seu «crawl» impecável... Inverosímil, mas bonito — e cem por cento desportivo...

Maureen O'Sullivan, a companheira — e nunca esta palavra teve, em qualquer outra família da tela, tão completo significado, quanto mais não seja por não haver no mundo da selva outra mulher branca — Maureen O'Sullivan, dizia, deixou-se conquistar igualmente pelo voluptuoso prazer do banho nas águas adormecidas, e assim Tarzan pode luzir não só as suas graças de nadador, como a sua perícia de mergulhador. E ao vermos as cenas idílicas que se passam debaixo de água — a câmara sempre é muito indiscreta! — ficamos com a impressão de que o fauno e a ninfa fugiram dos bosques e procuraram, ali, o refrigerio, para o ardor que os abrasava...

\* \* \*

Nos tempos conturbados e omnímos que atravessamos, Tarzan, resistindo às pressões para abandonar a selva, demonstra uma clarividência que a própria evolução intelectual não nos autorizava a supor. As repercussões do mundo em guerra não perturbam o silêncio majestoso da noite tropical. O problema dos salários e das subsistências não o alige. Tarzan e a companheira reconstituíram o Paraíso, num rincão abençoado onde felizmente não há maças, nem tentações...

Olhando o mundo que nos rodeia, quantas vezes todos nós não teremos pensado que este Tarzan é um rapaz com sorte... E oxalá Hollywood não se lembre de estragar o «clima» repousante dos seus filmes, levando até à selva densa, onde a felicidade se acolta, o ribombar da tempestade que assola o mundo...



A família Tarzan que resolveu o problema da felicidade — dentro da velha fórmula de «amor e uma cabana», no meio da selva...



Bette Davis e Errol Flynn, os admiráveis intérpretes de «Isabel de Inglaterra», o maravilhoso filme colorido que é a grande sensação cinematográfica da temporada — e que se exhibe, desde terça-feira, no São Luiz, com um êxito excepcional. «Isabel de Inglaterra» é uma super-produção da Warner e mais uma gloriioso exclusivo da Sociedade Importadora de Filmes (S.I.F.).

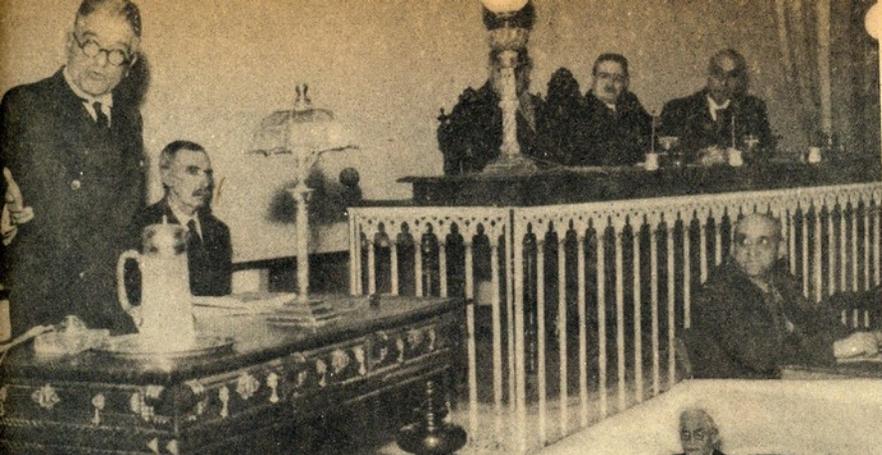
# ITALIA

*da*  
*Guerra*



Tropas italianas na Córsega: Uma sentinela vigiando uma ponte.  
(Foto «Luce»)

# Entre nós



O sr. comandante Moura Braz, na sessão semanal da Sociedade de Geografia — presidida pelo sr. dr. António Correia de Aguiar — proferiu uma conferência, acerca da «Colonização e povoamento». Citou, como exemplo de perfeita colonização, a que foi levada a efeito nos territórios de Huila, no Sul de Angola, e falou sobre a nossa colonização natural no Brasil, Madeira, Açores e Cabo Verde. Apreciou, ainda, a colonização denominada «Barão de Antonina», do Estado de S. Paulo, Brasil, e concluiu por dizer que seria interessante estudar e corrigir os motivos por que Angola e Moçambique, territórios aparentemente tão bem dotados de características naturais e tão favoravelmente situados no subcontinente africano, não têm beneficiado de idênticos processos.



Na Casa de Leiria, o sr. architecto Ernesto Korrodi realizou uma interessante palestra sobre o «Castelo de Leiria e o seu significado social». Foi apresentado pelo poeta Afonso Lopes Vieira, que presidiu. O conferencista descreveu, pormenorizadamente, a fisionomia do castelo nos successivos períodos históricos, refutando o ponto de vista dos que querem attribuir ao rei D. Deniz a construção do formoso conjunto da alcáçova e capela de N. S. da Pena, e, portanto, ligar aquêles dois monumentos à vida da Rainha Santa Isabel. Referiu-se, então, à comprovada existência, dentro das muralhas da cidadela e nas imediações dos Paços Episcopais, das ruínas dos Paços de D. Deniz, numa época em que, há perto de dois séculos, se erguia no alto do morro, o soberbo palácio real de D. João I.

Na última quinta-feira, o sr. dr. Gino Saviotti, director do Instituto de Cultura Italiana, realizou mais uma conferência pertencente ao ciclo «Conversazioni Culturali». Ilustrou os episódios de Ciaccio e Farinata, pondo em relevo a beleza estilística e espiritual da poesia dantesca, e fazendo um quadro das condições sociais e do acontecimentos históricos daquele tempo.



A semana passada realizaram-se, respectivamente nas Faculdades de Medicina de Letras, as provas de doutoramento dos srs. drs. Portela Gomes (gravura de cima) e António Saraiva (gravura da esquerda). Na primeira toram argüentes os srs. drs. Henrique de Vilhena e Celestino da Costa e na segunda os srs. drs. Schwalbach Lucci e Vitorino Nemésio.

# A Vida Mundial Ilustrada

## Visita o Asilo-Escola

### Antonio Feliciano de Castilho

**E** preciso gritar aos portugueses: — Há na nossa terra sete mil cegos que necessitam de amparo, de auxílio imediato! Sete mil. E neste número não incluímos quantos vieram a cegar por desastre ou fatalismo de acaso. Falamos, simplesmente, dos ceguinhos de nascença — de quantos nunca viram a luz do sol, numa doce manhã de Abril, ou o entardecer nostálgico dum dia de Outono; dêsses, enfim, que, fechados na clausura das trevas, eternamente vivem nas longas noites sem luz... E são tantos, tantos, que, na Europa, conflagrantemente, somos o país onde a percentagem é maior. A que vida estão condenados êsses desgraçados? É frequente encontrar-se, por aí, nas esquinas, no acotovelamento febril das multidões, o cego, tateando, na mão três cauteclas, um maço de jornais, qualquer coisa que lhe encubra a esmola...

Depois a turba passa, roça por êle, e, indiferente, na sua pressa, nem o vê — a êle, que não vê ninguém. No entanto, o cego é um elemento da sociedade — é um homem que traz dentro de si uma ânsia de viver — e não um farrapo que espera o suicídio. A sua desgraça pede auxílio — mas não lástima. Porque o cego sofre quando o afligimos, quando lhe dizemos: «coitado não vê!»

Também muitos videntes não vêm... andam à luz do sol, numa noite muito escura. Torna-se, pois, necessário auxiliar os cegos.

Deve haver um movimento de



solidariedade um sôpro forte de bondade, que corra prontamente em auxílio dos cegos de Portugal. O Estado, por intermédio do Governo Civil e da Junta da Província da Estremadura, votou criteriosamente, um subsídio ao asilo-escola Feliciano de Castilho. É alguma coisa que reflecte a vontade de auxiliar. Mas não chega a nada. Não há, no nosso país, oficialmente, integrado na Assistência Pública, um asilo para os invisuais. Em Lisboa, o Asilo-Escola Feliciano de Castilho, modelar-

...na aula das primeiras letras a professora — cega também — explica a lição...

mente montado — sem dúvida rivalizando com os de outros centros europeus, luta com grandes dificuldades. Funcionando particularmente, por cotizações de sócios — com umas verbas limitadas do Governo Civil — tem feito uma obra meritória. A população de Lisboa devia acorrer às suas festas — uma das fontes de receita — para poder, na realidade, assistir

ao agradável convívio que os cegos, pela música, sabem proporcionar.

Naturalmente não sabem onde fica o asilo? Vamos pois, até lá.

Estamos em Campo de Ourique, um bairro populoso que está progredindo rapidamente. Aqui, nesta artéria larga, cheia de sol, é a Rua Correia Teles. A rua começa aqui, à saída do carro da Estréla, que mal andou uma vintena de metros da Rua Ferreira Borges. Ora, além, naquele casarão cinzento, herméticamente fechado é o Asilo Feliciano de Castilho. Sobem-se uns degraus — há um pequeno pátio, com uns canteiros discretos onde vicejam flores.

Estamos no «hall». Numa porta envidraçada, uma legenda que é uma prece de caridade: «Devemos auxiliar os cegos, mas não os lastimemos na sua presença!» Um pequeno busto do grande pedagogo Feliciano de Castilho, patrono do modelar estabelecimento, e, por um corredor estreito, irrepreensivelmente aseado, estamos na primeira sala. Há um silêncio pesado, conventual. A senhora regente, duma amabilidade extrema, vai-nos mostrar a casa. Entramos no refeitório. Amplo, arejado, qua-



...à voz da monitora as educandas executam uma série de movimentos...

tro longas mesas, de alvas toa-  
lhas.

As educandas almoçam ao meio  
dia e meia hora. Faltam vinte mi-  
nutos. Estão ainda nas aulas. É  
lá que as vamos surpreender, de-  
bruçadas sobre os livros, tatean-  
do, com uma vontade enorme de  
aprender. Na aula das primeiras  
letras, a professora, — cega, tam-  
bém, — explica a lição. Tem à sua  
frente o livro, feito em relevo —  
— imprensa Braille — e vai lendo,  
vagarosamente, enquanto as alu-  
nas, sentadas, com os deditos,  
procuram segui-la. São umas  
quinze crianças de oito a dez  
anos, com umas expressões tão in-  
fantis e alegres, que a gente se  
esquece de que são cegas. Quan-  
do o reporter fotográfico disse que  
gostava de tirar uma fotografia, as  
crianças contentes, a rir, pareciam  
que estavam num recreio. Elas ou-  
viram, deserto, o «tic» do disparador  
— mas a claridade da lâmpa-  
da não pôde penetrar naquele  
mundo de trevas...

Por isso, a fotografia nos deu  
tristeza. É que nunca hão-de co-  
nhecer o retrato que, gratamente,  
deixaram tirar. A aula de aritmé-  
tica, dirigida por um distinto pro-  
fessor, requere grande atenção.  
Quando entrámos, passava o mest-  
re um problema. Não quisemos  
interromper. «Escrevam: setecen-  
tos e trinta vezes quarenta e  
três...»

Atravessamos, nesta altura, o

da, entrega-se, apaixonadamente,  
à arte. Conseguem ser grandes ar-  
tistas. Chegam a ir fazer os exa-  
mes ao Conservatório e alcançam  
classificações elevadíssimas.

Uma das grandes dificuldades  
do ensino reside, também, na falta  
de livros. Em Portugal não há ne-  
nhuma imprensa Braille, de modo  
que os livros têm que ser escri-  
tos manualmente e, só aí, gasta  
o Asilo-Escola Feliciano de Cas-  
tilho uma verba importantíssima  
que poderia destinar a outros fins.  
No campo da educação, além do  
ensino da música, ministra-se ali  
também o de inglês, francês e his-  
tória. Quasi todos os aparelhos e  
livros são importados da França.

A American Braille Press envia,  
sem alguma remuneração, todas as  
obras que edita. A Biblioteca  
Braille tem hoje para cima de  
60.000 volumes. Além disso, pu-  
blicam-se por todo o mundo di-  
versas revistas literárias, artísticas  
e científicas de que o asilo é assis-  
nante, podendo, por consequência,  
os cegos andar a par dos acon-  
tecimentos que vão por esse mun-  
do. O que pretende o Asilo, dando  
assim uma educação esmerada?  
Proporcionar aos invisíveis a in-  
dependência, para que, amanhã, se-  
jam cooperadores da sociedade e  
não uns desgraçados a quem se  
dá esmola.

Na música, na massagem, na  
dactilografia há cegos que gover-  
nam a vida e chegam a constituir



...o mestre, quando entrámos,  
passava um problema de somar:  
«Escrevam, 730 vezes 43...»

família. Muitos antigos alunos des-  
ta modelar instituição ensinam  
hoje — alguns até a videntes —  
francês, história e música; outros  
são componentes de orquestras e,  
alguns, conhecidos afinadores de  
pianos. Porque o cego pode tra-  
balhar — o que é preciso é facil-  
tar-lhe a aprendizagem. E é isso  
o que, dentro das suas limitadas  
posses, o Asilo tem feito, dedica-  
damente.

Muita gente recusa trabalho aos  
cegos, principalmente na música,  
porque eles trazem tristeza. Não  
está dentro da razão quem pro-  
cede assim. O cego é comunica-  
tivo. O seu prazer é a música.  
Meia dúzia de palmas e um elo-  
gio — é uma satisfação que lhe  
enche a alma. Abram-se, pois, as  
portas das casas que o possam  
fazer — e deem-lhes trabalho!

MANUEL MARTINHO

...o cego tem uma sensibilidade  
requintada para a música...

gimnásio. Há aulas de educação  
física. Os professores são, obse-  
quiosamente, do Gimnásio Clube  
Português. Um grupo de pequenas  
alunas, à voz da monitora, exe-  
cutam uma série de movimentos.  
Já fomos noutra sala e ainda ou-  
víamos, claramente: «um, dois!  
um, dois! Mãos aos ombros! Fir-  
me!».

As aulas que têm maior fre-  
quência são as da música. Nelas  
admitem alunas externas. Há ali o  
ensino de piano, de violino, de  
violoncelo e, também, o de instru-  
mentos de sopro.

O cego tem uma sensibilidade  
requintada para a música. No iso-  
lamento em que decorre a sua vi-

...também aprendem a fazer  
«crochet» e a fazer meia...



# Josefina Baker

a "Venus de ebano" que Paris adulou...

cantora no Casino de Paris — vai um longo caminho.

Cantora, dançarina, comediante, ela é incomparável. A sua voz, às vezes primitiva e selvagem, longínqua, sensual e mística, apaixonada e terna, é infinitamente humana.

«Suppose» e «Pretty little baby» cantou-as ela em tom cáldo, cheio de ressonâncias profundas, quasi trágicas. Pode-se amar ou detestar o «music-hall», mas é difícil ficar indiferente diante do talento estranho desta original actriz. Paris quedou maravilhado diante daquele ídolo moreno e fremente de juventude. Depois, foi Bruxelas, onde a fleuma flamenga se dissipou ao contacto da creoula coleante. Madrid aclamou-a, chamando-lhe a Venus de Ébano, por entre «olé» estrepitosos e avalanches de flores. Berlim perdeu a rígida expectativa, dominada pela graça saltitante da filha dos trópicos. E Londres confessou-se deslumbrada, em frente do astro que fôra esfarrapar, com canções e bailados, a tristeza das suas brumas eternas. Triunfante na Europa, Josephine galgou o oceano. E não tardou que se soubesse ter vencido o cruel convencionalismo ráxico da gente «yankee». A vitória tornou-se completa. O seu sorriso debruado a escarlate foi, desde então, familiar à memória visual dos homens de todo o mundo. Mãos febris de desejo ou de paixão pousaram a seus pés fortunas e títulos de nobreza antiga, flores e gêmas preciosas — mil tentações, mil certezas, mil promessas...

Mas ela continuou a cantar, a fascinar, a sorrir — mágica senhora de ritmos — possuidora de uma singular capacidade de adaptação, atingindo sempre o triunfo, indo do «music-hall» à opereta, do filme à declamação, e subindo até à literatura, como testemunha êsse livro estranho, sensual, quasi bárbaro, que é «Mon sang dans tes veines».



Os anos decorridos não lograram deprimir-lhe o ânimo ou empalidecer o fulgor do seu prestígio. Lendas e calúnias, absurdos e exageros — todo o longo cortejo de coisas brilhantes ou sombrias que segue os bafejados pela fortuna — nada puderam contra a mocidade vibrante daquela tanagra de bronze. Crises, perturbações sociais, fantasmas de guerras, tudo passou sem abalar o pedestal em que Josephine apoiava a sua celebridade. As multidões mantiveram-se fiéis àquela que lhes proporcionou visões de sortilégio harmonioso e colorido, àquela que, por obra do seu juvenil ardor, satisfizera, por instantes inesquecíveis, o seu eterno apetite de maravilhas.

Até que — há tempo — depois de outra numa visita rápida e brilhante, Josephine passou o seu perfil nas ruas de Lisboa. Não se sabe bem porquê, houve quem lhe arremessasse pedras, sem que estas chegassem a alcançá-la. Falcou-se do factor ráxico, quiseram diminuir-lhe, gastou-se

tinta e espaço para eliminá-la. Superflua preocupação e peregrinação... Ela sorriu, cantou, bailou com o poder mágico de outrora, e quando partiu fê-lo com um «au revoir» gracioso e enternecido... O Porto recebeu-a com uma fidalguia que deveria ter servido de exemplo a Lisboa. Se ela conquistou ambas as cidades, também elas se aninharam para sempre no seu coraçãozinho ansioso de sossego e de suaves alegrias.

\* \* \*

Foi-se daqui como verdade, ira ave das ilhas. Ansiosa de sol... E o correio foi trazendo até mim as cartas traçadas pelo seu punho — documentos ricos de graça e de expressão. Súbito, alguém leu no «Sept Jours» duas linhas melancólicas, revelando que jó estava em tratamento numa casa de repouso em Casablanca... Por falta de assunto ou exorbitância de imaginação, logo essas linhas foram ampliadas, desen-



Anuncia-se a sua volta a

# Lisboa

logo que a tormenta passe

volvidas em crónica quasi necrológica... Josephine estaria moribunda, abandonada, triste e na miséria, no leito de um hospital...

Simplesmente, o «Anjo Negro», como Paris lhe chamou, encontrava-se convalescente sem jamais ter perdido o sorriso, o talento, o poder interpretativo, e — para maior contraste! — os seus haveres pessoais mantinham um nível de boa cotação... Saiu a terreno Erico Braga, dissipando a lenda... E quem escreve estas linhas — amiga pessoal de Josephine — pousou a pena já preparada para igual tarefa. Não tardou que chegasse de longe, de Casablanca, uma carta, testemunho da «ressurreição» e sinal de uma vitalidade exuberante. Diz-nos ela: «...o mal passou e, agora, tudo vai bem. Estou de pé e penso em voltar para a minha casa em França, daqui a alguma ssemanas, se Deus quiser. Peço-te que não dês crédito às fantásticas notícias que talvez tenhas lido nos jornais, a meu respeito. Não compreendo porque tiveram a audácia de divulgar tantas mentiras. Não morri, não estou tuberculosa e, felizmente, também não me encontro abandonada, como por aí se espalha. Numa noite destas, enquanto escutava a suave música de Lisboa, ouvi o locutor anunciar que me encontrava gravemente enferma... A seguir, tocaram um dos meus discos. «La Petite Tonkinoise». Considero gentil essa ideia, visto tratar-se de um gesto orientado pela convicção de serem verdadeiras as notícias. O que não me impede de lamentar que se chegue a informar mal a tal ponto a opinião pública». Estas palavras de Josephine seriam vindas de «além túmulo se dêssemos crédito ao lúgubre romance imaginado, mas são, de facto, sinais de uma vontade inabalável e de uma vida que segue o seu curso, em busca de horizontes menos enegrecidos pelo feio rancor dos homens.

Uma melodia canta no seu coração:

«Madone Noire, avec ton visage si doux...  
«Madone Noire, ô, prie pour nous...  
«Quoique tu fasses, nous voeux d'après ton désir  
«Madone Noire, fais que notre vie soit un sourire...»

Podemos encerrar esta despretençiosa crónica com uma novidade: Josephine conta vir a Lisboa, em época relativamente próxima. Permitir-lho-á o alastrar da tormenta? Esperemos que sim. Ocorra o que ocorrer, dois factos avultam: A grande actriz «ressuscitou», e no seu coração o nome de Portugal continua a ser sinónimo de ternura, de compreensão e daquela Paz em que podem desabrochar canções e florir esperanças.

FERNANDA REIS.



# Clausewitz

## e as campanhas da Rússia

**D**IZEM aqueles que já visitaram o quartel-general do Chefe da Alemanha que Hitler possui uma grandiosa e vasta biblioteca, composta por 7.000 volumes que versam, indistintamente, sobre história, estratégia e tática militar.

Porém, de todos estes livros, o mais consultado pelo Fuehrer, desde que passou a dirigir, de facto, as operações militares dos exércitos do Terceiro Reich, é a obra-prima de Clausewitz, intitulada «Da Guerra».

Não é de admirar o interesse testemunhado pelo Chanceler alemão por este notável tratado sobre estratégia; pois, as opiniões do profundo pensador prussiano ganham flagrante actualidade com o desenrolar das últimas operações na frente oriental.

Embora seja indiscutível a larga expansão que tal obra, composta por três volumes, tem tido entre os peritos militares de todo o mundo, o seu autor tem sido mantido, precisamente como sucedeu em quasi todas as campanhas napoleónicas durante as quais se conservou sempre nos bastidores dos estados maiores prussiano e russo, num segundo plano de celebridade em relação a alguns dos seus contemporâneos, motivo por que o papel desempenhado por esse ilustre general prussiano é pouco conhecido do grande público.

É para tentar levantar um pouco o véu da poeira dos tempos, que vamos procurar, em ligeira síntese, marcar as fases principais da carreira deste chefe militar, citando ao mesmo tempo algumas das suas máximas que ainda hoje são seguidas, como mostram os acontecimentos a que temos assistido nestes últimos anos de guerra.

Nascido em Burg, na Prússia, durante o ano de 1780, Karl von Clausewitz entrou para o serviço militar em 1792, isto é, quando ainda era uma criança, pois contava apenas doze anos de idade.

Contudo, esta prematura entrada para o exército não deve ser apreciada com espanto, em virtude dos acontecimentos que começavam a ensombrar a paz na Europa. Na França, vivia-se a época do «Terror», que o impiedoso e intolerante Robespierre impusera, após a Revolução Francesa. Contra tal política interna que, indubitavelmente, tinha as suas repercussões no estrangeiro, formou-se a 1.ª Coligação.

Poucos anos depois, entrava em funções, na França o Governador do Directório e Napoleão começava a notabilizar-se na campanha da Itália. Em 1799, um golpe de Estado demitiu os cinco membros do Directório e estabeleceu o Consulado, sendo Bonaparte nomeado primeiro consul. Porém, dois anos depois, um plebiscito modificou a

Constituição, então vigente, e atribuiu o Consulado vitalício a Napoleão, o qual ficou com direito a escolher sucessor. É o início da grande ascensão...

Entretanto, o chefe dos franceses continuava a dirigir os seus exércitos em campanhas vitoriosas contra as nações coligadas, conseguindo, tempos depois, ser proclamado Imperador. A partir deste momento, as coligações sucedem-se em ritmo acelerado e, em 1806, forma-se a 4.ª Coligação constituída pela Rússia, Prússia e Inglaterra. É deste ponto em diante que as campanhas napoleónicas nos interessam para o caso que estamos a examinar.

O Imperador dos franceses bateu os prussianos em Iena e durante esta batalha Clausewitz foi feito prisioneiro. Após este percalço, esteve preso durante dois anos, mas em seguida à paz de Tilsitt é posto em liberdade e como os seus conhecimentos militares se tivessem, neste intervalo, desenvolvido consideravelmente foi nomeado instrutor do Estado Maior Prussiano, cargo que desempenhou durante três anos.

## Os DENTES

### só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



## PARGIL

(Produto medicinal)

**PARGIL**, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

**PARGIL** não maseara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

**NAS FARMACIAS E DROGARIAS**



Quando Napoleão invadiu a Rússia em 1812, já em plena 5.ª Coligação, Clausewitz alistou-se no exército russo, onde desempenhou as funções de Chefe do Estado Maior dum dos seus generais e foi ele quem, após a desastrosa retirada do Imperador, negociou os termos de capitulação do contingente prussiano, comandado pelo general York que acompanhava o exército francês.

Na acepção directa da palavra, Clausewitz nunca exerceu o «comando» de qualquer exército, embora tivesse sido chefe do Estado Maior de vários generais prussianos e, em 1918 fôsse nomeado director da Academia de Guerra de Berlim.

Os livros de Clausewitz só foram publicados dois anos depois da sua morte, que teve lugar em 1831, e todos eles apresentam teorias relativas às vitórias de Napoleão e baseadas nas suas opiniões pessoais sobre o emprêgo dos exércitos em campanha.

Vejamus algumas dessas definições e máximas:

«A guerra é a continuação da diplomacia por meios violentos.

«O principal objectivo das grandes batalhas deve ser a destruição das forças militares do inimigo e o designio capital de todas as operações é provocar o desarmamento do adversário.

«Introduzir na filosofia da guerra um princípio de moderação seria um absurdo. Em assuntos tão perigosos como um conflito armado os erros que provêm dum espírito benevolente são os mais nocivos».

Como conselhos para o emprêgo das forças armadas, Clausewitz estabeleceu estes princípios fundamentais: Devem-se empregar todas as forças disponíveis com a maior energia, e concentrar o maior número possível de tropas no ponto decisivo; não se deve perder tempo e os êxitos devem ser explorados até ao esgotamento final de todas as energias».

Em referência às pesadas perdas

que a guerra pode custar, o general prussiano comenta: «Não devemos ligar importância aos generais que querem fazer conquistas sem derramamento de sangue. Se a carnificina é um espectáculo horrível, tanto melhor, pois, tal facto faz com que se tenha mais respeito pela guerra». Esta afirmação grangeou a Clausewitz o epíteto de «O carniceiro da Europa», na opinião dum jornalista britânico.

Como comentário directo às campanhas de Napoleão, Clausewitz esclarece: «Todos os métodos vitoriosos primitivamente seguidos foram resultantes da boa estrela e da audácia de Bonaparte e as outras Potências da Europa foram dominadas quasi com um só golpe. Os espanhóis, devido à sua feroz resistência, mostraram o que pode resultar do armamento geral duma nação e das medidas insurgentes, applicadas em grande escala».

Sobre o que viria na Rússia, Clausewitz escreveu: «A Rússia, com a campanha de 1812, ensinou-nos: primeiro, que um Império de grandes dimensões não pode ser conquistado (coisa que facilmente seria de prever); segundo, que a probabilidade de vitória final não diminua na mesma proporção que as batalhas e o território nacional são perdidos. Uma nação é, por vezes mais forte no interior do que nos limites fronteiriços e quando a ofensiva potencial do inimigo se encontra exausta, o adversário aproveita a ocasião para desencadear a sua própria ofensiva».

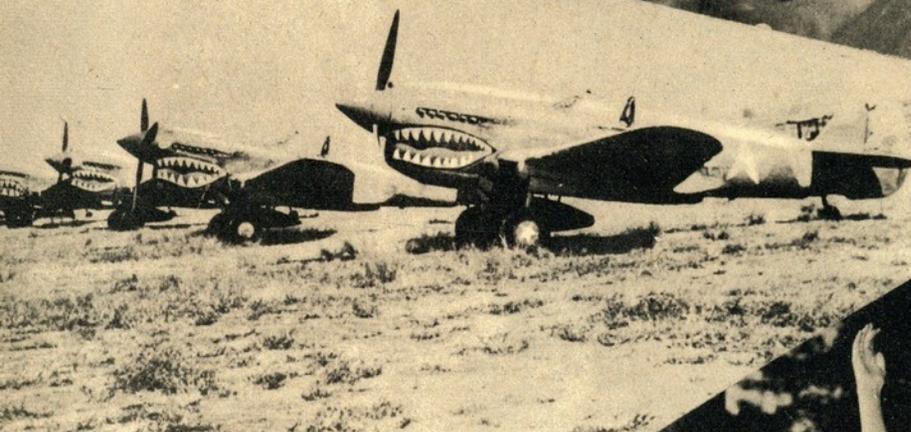
E, à maneira de comentário, acrescenta: «A Rússia não pode ser conquistada e ocupada por exércitos de outras Potências europeias. Só poderá sofrer uma derrocada pela sua própria fraqueza ou discórdia interna. «A campanha de Napoleão terminou num desastre, porque o Governo russo permaneceu forte e o povo conservou-se unido. Dadas estas circunstâncias, a Rússia não pode ser vencida».

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

# Lá fora



O sr. Carlos Arroyo, presidente da República do Equador, visitou recentemente Washington. O presidente Roosevelt, que o foi esperar ao aeródromo daquela cidade, acompanhou aquele chefe de Estado até à Casa Branca.



Num aeródromo secreto da China, uma esquadilha de caças norte-americanos, «Tubarões voadores», preparam-se para largar em missão de guerra contra os japoneses. Esta força aérea é comandada pelo general de brigada Claire L. Chennault — famosa aviador que conta no seu activo vinte e quatro aviões nipónicos derrubados, «recorde» que já foi devidamente comprovado.

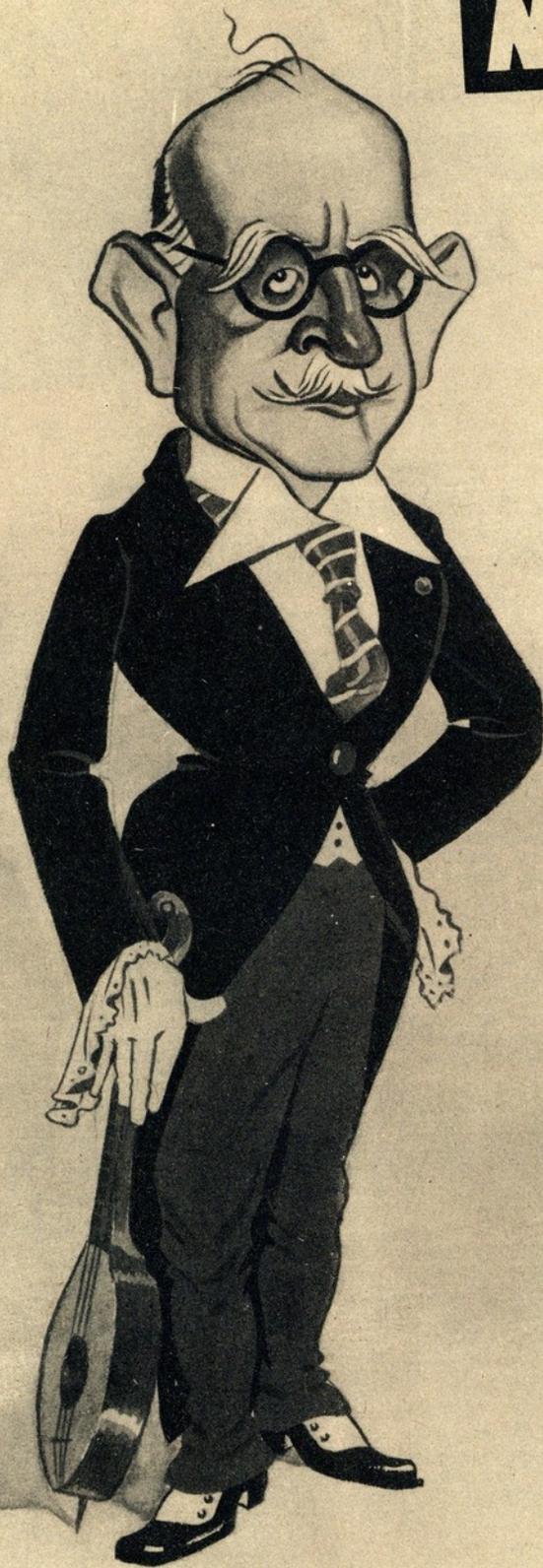


Nancy Sue Smith é o nome desta garota de 13 anos, que ainda há um ano padecia de paralisia infantil. Uma vez internada na Fundação de Warm Springs, no Estado de Geórgia, e sujeita a um intenso tratamento, melhorou tão consideravelmente que em pouco mais de seis meses a sua cura foi radical. Abandonou já o hospital e está frequentando um curso de dança.



Em Tunes, o general alemão Von Nehring, fez afixar nas ruas várias proclamações redigidas em três línguas: francês, italiano e árabe, onde se avisa a população das precauções a tomar durante os bombardeamentos dos aviões das Nações Unidas.

**FIGURAS DA VIDA NACIONAL**



SANTANA

O DR. JÚLIO DANTAS

Grande figura da mentalidade portuguesa, agora eleito de novo, por unanimidade, para a presidência da Academia das Ciências

(Caricatura de SANTANA)

# Sacrifício

por Teixeira Leite

**L**EVANTARA - SE tarde. Sentia o corpo todo moído como se o tivesse metido numa rotação, e uma lassidão pesada a percorrer-lhe os membros...

Parecia-lhe ainda sentir confusamente nos ouvidos os compassos do último «fox», a bôca amarga do vinho, e no corpo as nódoas dos beijos mercenários da véspera a queimá-la...

À bocejar, vestiu a «robe» e foi em bico dos pés até ao quarto dele: dormia ainda: a boquita entreaberta, um sorriso doce a iluminar-lhe o rostito delicado de boneco, os cabelitos louros para a testa suada.

Enterneceu-se e sorriu amorosamente. Era o Luísito, o seu único amor, recordação única, além da desilusão, que lhe ficara do primeiro homem que conheceu, daquele que a tinha enganado, e por cuja mão entrara na vida que há três anos arrastava...

O consultório do dr. Luís Rebêlo estava, como de costume, cheio. A empregada, por sua ordem, já se recusara a receber mais doentes:

— Tenha paciência, o senhor doutor não pode ver mais ninguém...

Luís Rebêlo era agora o médico da moda, o médico «chic», e também o especialista de mais fama.

Essa tarde saiu aborrecido. Qualquer coisa o amargurava.

Entrou em casa de má catadura e, contra o hábito, não foi beijar a mãe. Sem mesmo responder à saudação humilde da criada, mandou:

— Diga à Senhora (Ele costumava dizer «minha mãe») que venha imediatamente ao meu escritório. Preciso falar-lhe...

E, nervoso, sentou-se a folhear distraidamente, uma velha revista, meio-esquecida já na papelreira.

Quando a mãe entrou, ainda distinta, a-pesar-de gasta, no seu porte senhoril, «de rainha destronada», ele ergueu-se de golpe. E, de pé, com uma gravidade solene, martelando as palavras uma a uma:

— Mandei-a chamar porque preciso falar consigo...

Ela atalhou, já inquieta:

— Diz já o que é, meu filho, que me estás a assustar...

E ele, sacudidamente:

— Trata-se do seguinte: Constatou-me ou, antes, contaram-me esta tarde certas coisas a seu respeito, que desejo esclarecer.

Aqui, a mãe fêz-se pálida, de mil côres... Lembrou-se que ele lhe poderia perguntar pelo passado — desenterrar esse passado que ela julgava para sempre sepultado...

Assim foi. Ele começou a falar, fazendo por se dominar, primeiro serenamente como se falasse aos

seus alunos (Luís Rebêlo era já assistente da Faculdade); depois, elevando gradualmente a voz, contagiado pelo calor das suas palavras.

Fêz uma pausa: esperava dela uma reacção — palavras de revolta, um desmentido formal, Restava-lhe uma esperança...

De pé, terrivelmente pálida, hirta, mas digna, a cabeça levantada, ela ouvia em silêncio...

Então, ele, como possuído por

o seu passado, exproubrou-lhe o procedimento «indigno»...

E, as mãos no rebêdo da secretária, inclinado para ela, num grito rouco, estertorado (como desafiando-a a que o contradissem, mas no fundo querendo ainda duvidar): — É mentira?

Num fio de voz, Ela apenas teve coragem para murmurar:

— É verdade, meu filho...

E, os lábios secos, a tremerem, os olhos brilhantes de lágrimas,

cessidade, os primeiros dias de fome, a labuta diária para conseguir o pão para ambos, os despreços que afrontara, os orgulhos recalçados com muita lágrima, os enxovalhos — todos os sacrifícios e tôdas as misérias, enfim, para o educar e nada lhe faltar...

Ela ouvia estas coisas como num sonho, de cabeça baixa, derrotado... Supunha-o vencido. E esperava palavras de arrependimento, de ternura ou, quando menos, uma palavra, uma só — de perdão.

Ele calou-se cobardemente. E no curto silêncio que se seguiu, Ela teve a impressão de que um abismo os separava...

E ela deixou a casa, para não empanar com a sua presença o pão prestígio de «o primeiro especialista da capital».

Voltou a viver sôzinha como há vinte anos. Recusando a mesada que o Luís lhe quisera estabelecer, tentou empregar-se.

Mas aonde? Mas como? Com aquela idade, quem a queria? E que sabia ela fazer — ela que nada aprendera em casa dos pais, filha única e amimada?

Em emergência, lançou-se de novo na vida que já se habituara a esquecer. «A ver se, ainda assim, a queríamos»...

Essa noite, foi até ao «Olímpia». Foi grande a festa das «amigas», satisfeitas do seu regresso.

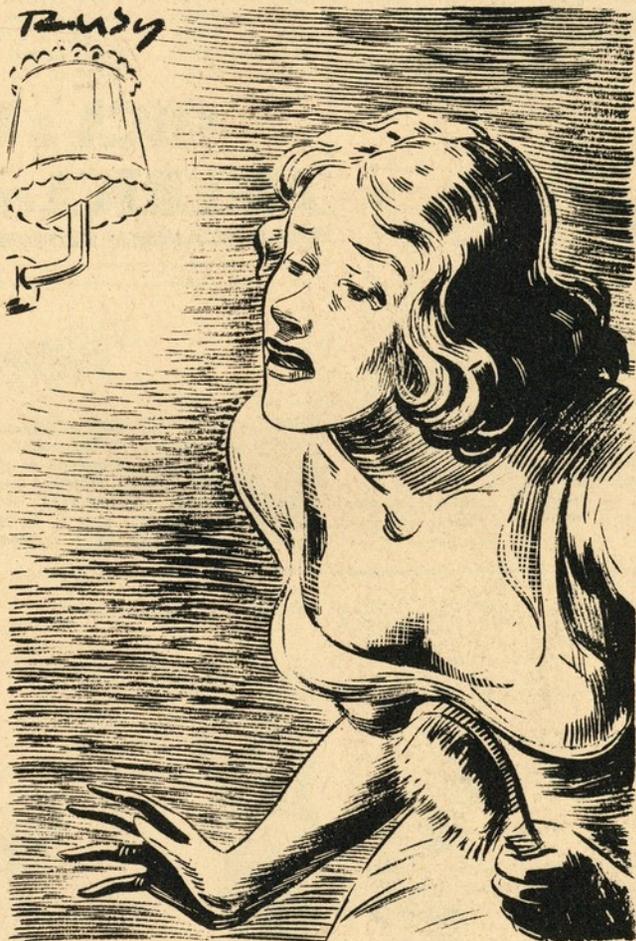
...Mas, se foi grande a festa que as amigas lhe fizeram, grande foi o seu desapatamento — a amargura de se ver desprezada...

Em casa não resistiu à tentação de consultar o espelho: e a mão, primeiro, de longe, como se cometesse um pecado, olhou-se. E, a seguir, resoluta, querendo conhecer a realidade em toda a extensão, acendeu as luzes tôdas e, frente ao espelho, examinou-se de perto: e o espelho, frio, implacável, irónico quasi, trouxe-lhe uma face em que as rugas já há muito se haviam anunciado, um corpo cansado, de carnes flácidas, seios murchos...

Desiludida, ainda ergueu a escôva de cabo de prata para, em desfôrço, agredir aquêle crítico insubornável. Mas, a comoção venceu-a, e com a morte no coração deixou-se cair em cima da cama, a chorar...

Mais uma página do seu romance que se voltava...

Ela agora vivia satisfeito, des preocupado. Considerava-se de todo feliz — e o futuro sorria-lhe porque o número das clientes bonitas e ricas aumentava, e já mesmo na roda dos hospitais e clínicas se falava do seu projectado casamento com a filha do Vasconcelos, o rico industrial, uma das melhores fortunas do país.



uma certeza dolorosa, continuou, agora em voz áspera, mal segura...

Ela continuava a olhá-lo, admirada menos de ele saber «aquelas coisas», que do seu tom de voz, o olhar doente, livido o rosto, a gravata fora do lugar, descompôsto, todo excitado...

Ele, fora de si, perdida de todo a calma, irritado por aquêle silêncio obstinado, que interpretava como comprometedor, citou nomes, apontou datas, lançou-lhe em rosto todo

princípio indecisa, com pausas intermitentes, as passagens mais crúas sublinhadas de longas reticências (que o faziam scríver como punhaladas), como se remexendo naquele lixo de novo se sujasse; e, depois, ganhando ânimo perante o mutismo dele, apressadamente, em catadupa, temendo faltar-lhe o tempo ou a coragem — como um filme que súbito se lhe projectasse do sub-consciente diante dos olhos, disse tudo: a sua luta de início entre o pudor e a ne-

...Então, Maria Helena voltou-se para as leitarias e cervejarias da Baixa, abertas a deshoras.

Nem assim...  
Desceu em último recurso às ruas escusas a fazer o giro da uma hora...

Mas, já envelhecida, temia a concorrência das mais novas...

E, como expediente derradeiro, recorreu à esmola. Talvez a levassem para a Mitra: aí ao menos estaria descansada...

Um dia, porém, entrou a pungi-la o espinho da saúde: *¿Que seria feito do Luis? ¿Como estaria ele? ¿Teria já casado, como corria?*

E, esse dia, o desejo de o ver foi mais forte que os receios de outrora.

A empregada, quando ela disse que queria falar ao senhor doutor, mirou-a em silêncio desde os sapatos cambados ao chale velho, num exame mudo, avaliador: Iria o Dr. Rebêlo receber semelhante criatura? — Talvez alguma doente do hospital, a quem o doutor vagamente dissera para aparecer no consultório. Ele costumava fazer isso, bondoso como era...

Ao ver-se observada por aquelas senhoras «chics», Maria Helena teve vontade de fugir — e deu ao diabo por momentos a idéia que tivera. Mas, a empregada voltava, a perguntar: — É coisa de demora? Não? Então, entre para aqui. (E, dizendo, introduzi-a num pequeno gabinete).

Da sala ao lado, chegou-lhe o som de vozes alegres, entre as quais reconheceu a do filho; depois, o chilrear de vozes femininas.

Agora, era tarde para recuar. Numa mesita pintada de branco, entre o fonoscópio e um monte de revistas de medicina, estava o retrato dele, em moldura de prata lavrada. Maria Helena sorriu-se enternecida; as mãos debaixo do chale preto, desbotado, agitaram-se instintivamente, para o tomar.

Mas, o puxador da porta tremeu — e ela, falha de coragem, os olhos enevoados de lágrimas, fugiu como uma ladra, sem ouvir a interrogação ansiosa da empregada: — Falou?

Debaixo do chale, bem apertada ao coração, a moldura com o retrato dele, do filho.

A saída, reparando na falta do retrato, Luis Rebêlo interrogou a empregada: — O meu retrato?

E como a empregada não respon-

desse, o doutor comentou: — É o resultado de deixar entrar aqui os pobres...

... ..  
Esse dia ainda o seu estômago não vira migalha de pão — e eram já sete horas...

Lembrou-lhe, mais uma vez, como em ocasiões idênticas, o filho. Mas, uma vez mais, teve acanhamento: *¿Que iria Ele pensar? Sabia ele se ela ainda era viva? E num resto de orgulho: Não iria assim lembrar-lhe os seus antecedentes, aquele passado que ele renegara? E que diriam as suas doentes, ao saber que aquela mendiga velha e rôta era a sua mãe — a mãe do Dr. Luis Rebêlo? Que ironia... e que escândalo!*

A debater-se entre estes pensamentos desencontrados, não deu por que já ia nos primeiros degraus do consultório. Parou no primeiro andar, esfalfada da luta interior. Lembrou-se de voltar atrás: Não, não iria: antes rebentar pelas esquinas!

Mas, alguém vinha descendo: «deixar ver quer era, já agora; talvez abichasse uma esmolinhã»...

De facto, alguém elegantemente vestido descia apressadamente, a calçar ainda as luvas, e assoviando em surdina, intimamente satisfeito.

Ao dar com aquela velhota, de ar constrangido e friorento, encolhida contra a parede, levou a mão à algibeira, num gesto instintivo.

E à luz mortícia da escada, ela reconheceu-o: era Ele, o Luis.

Meu Deus, ao que chegara, a receber esmola do filho!...

... ..  
Uma manhã, apareceu morta à porta do consultório: a derradeira lembrança fóra, ainda, para ele...  
Levaram-na para a Morgue.

... ..  
Entretanto, Luis Rebêlo ia ser nomeado professor da Faculdade de Medicina.

Na prestação de provas exigia-se-lhe uma demonstração de Anatomia: Era preciso dissecar um cadáver, perante o júri.

Trouxeram-lhe para a mesa das sessões o cadáver duma mulher de idade, morta na rua.

...E, friamente, o bisturi de Luis Rebêlo retalhou o corpo daquela que em vida fóra sua mãe...

**..aqui AMERICA**

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

**Emissões dos ESTADOS UNIDOS**  
EM LÍNGUA PORTUGUESA  
(Recorte esta Tabela para referência futura)

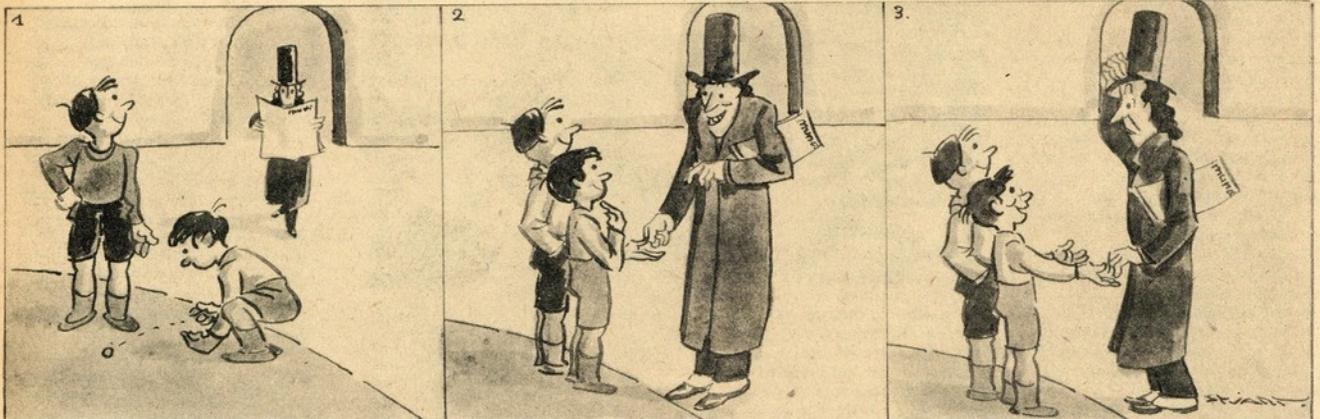
Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7,15	WDJ	Todos os dias	39,7 m ( 7,565 mc/s)
7,15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31,02 m ( 9,67 mc/s)
7,15	WNBI	Só 2.ª feira	25,23 m (11,89 mc/s)
8,30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31,02 m ( 9,67 mc/s)
8,30	WNBI	Só 2.ª feira	25,23 m (11,89 mc/s)
18,30	WDO	Todos os dias	20,7 m (14,47 mc/s)
19,30	WRCA	Todos os dias	19,8 m (15,15 mc/s)
19,45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19,56 m (15,33 mc/s)
21,30	WGEA	Todos os dias	19,56 m (15,33 mc/s)
21,30	WDO	Todos os dias	20,7 m (14,47 mc/s)

**OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA**

**Vida MUNDIAL**  
e ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa; DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Regeneração instantânea por Stuart de Carvalhais



— Olha, aí vem o célebre filósofo Pensa-muito.  
— Vamos pedir-lhe um tostão para os rebuscados...

— Eu dou dez tostões, mas quero saber qual de vocês é o mais mau.  
— Sou eu.  
— Então toma lá dez tostões — mas com a condição de te regenerares.

— Agora vamos lá a saber: qual é o mais bom?  
— Sou eu!  
— Mas há pouco disseste que eras o mais mau!  
— Pois disse... mas regenerarei-me!

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XVI - nas vésperas do desenlace

4

### A REVISÃO DA LEI DE NEUTRALIDADE

**N**o período que decorreu entre 30 de Setembro e 7 de Dezembro de 1941, os Estados Unidos, embora a opinião pública continuasse a manifestar-se contra a entrada do país declaradamente na guerra, deram alguns passos decisivos nesse sentido. Por um lado aproximaram-se dos Soviéticos, tendo os seus representantes tomado uma parte activa na conferência de Moscovo, a que mais pormenorizadamente nos referimos noutro lugar deste trabalho; por outro, aumentou a tensão entre Washington e Tóquio,

como consequência inevitável da constituição do governo Tojo, em Outubro daquele ano.

Nos primeiros dias deste último mês, o presidente Roosevelt iniciou as diligências necessárias para a revisão da lei de neutralidade. Tornaram essa revisão necessária os sucessivos incidentes ocorridos com os navios mercantes americanos que, em número de algumas dezenas, navegavam com a bandeira do Panamá. Depois de conferenciar com os representantes mais categorizados dos partidos que tinham representação no Congresso, o Presidente enviou, no dia 9, a este último, uma mensagem em que expressamente pedia a revisão da lei da neutralidade. Esta lei tinha de facto sido votada numa altura em que ainda se não tinha iniciado a política intensiva dos armamentos na Europa e na Ásia. Era esta circunstância que o Presidente acentuava na mensagem, em que pedia a sua revisão.

A revisão da lei de neutralidade implicava um aspecto imediato, o qual consistia em armar os navios mercantes, a fim de que estes pudessem replicar imediatamente a qualquer ataque de que fossem objecto por parte de navios de superfície, submarinos ou aviões. Tratava-se, segundo afirmava a mensagem presidencial, de uma questão que era ao mesmo tempo da maior importância e da maior urgência. Da sua resolução dependia, em última análise, a possibilidade de se continuar enviando para a Grã-Bretanha os abastecimentos e o material de guerra necessários, para que este país pudesse continuar a sua resistência contra as potências do Eixo.

### O DIA DA MARINHA

Em 17 de Outubro, a Câmara dos Representantes, apesar da oposição dos elementos isolacionistas que insistiam em afirmar que se tratava de dar mais um passo decisivo no sentido da guerra, aprovou o armamento dos navios mercantes por 259 votos contra 138. O debate no Senado iniciou-se no dia 17 de Outubro, que coincidia com as comemorações tradicionais em honra da armada americana. Em 7 de Novembro, o Senado aprovava, com algumas emendas, por 50 votos contra 37, a revisão da lei da neutralidade. Esta última voltou, em 13, à Câmara dos Representantes, que aprovou o texto definitivo por 212 votos contra 194. Entre os que votaram a favor, figuravam 22 mem-

bro do partido republicano, os quais seguiam a orientação preconizada pelo candidato do seu partido, derrotado na última eleição presidencial, Wendell Wilkie. O debate foi de tal maneira agitado que nele teve de intervir pessoalmente, descendo do seu lugar, o presidente da Câmara dos Representantes, Samuel Rayburn.

O presidente assinou a lei em 17 de Novembro, mas o Departamento da Marinha já tinha tudo preparado para, em muitos casos, substituir as tripulações por indivíduos adestrados e para colocar as peças necessárias à defesa dos barcos.

No dia da Marinha, o Presidente proferiu um importante discurso em que atacou directamente as potências do Eixo e fez duas revelações que aquelas negaram de maneira categórica. O Presidente afirmou que tinha em seu poder um mapa elaborado na Alemanha com características oficiais, no qual a América do Sul e uma parte da América Central apareciam desenhadas como esfera de influência alemã. Revelou ainda que estava de posse de um documento que demonstrava a intenção dos dirigentes do Reich Nacional-Socialista de abolirem, no caso da sua vitória, todas as religiões existentes, substituindo, segundo a expressão do sr. Roosevelt, a Bíblia pelo «Mein Kampf». Estas declarações produziram, como era de calcular, a maior impressão tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro.

### ACORDOS COM O MÉXICO

Em 19 de Novembro os Estados Unidos assinaram com o México um acordo para regular pacificamente todas as questões pendentes entre os dois países. Esse acordo compreendia a solução satisfatória do litígio a que dera lugar a expropriação dos jazigos petrolíferos existentes no México que eram propriedade de cidadãos americanos. O governo mexicano comprometera-se a pagar, de uma só vez, a quantia de 40 milhões de dólares para dar satisfação às reclamações formuladas por agricultores americanos que se julgavam lesados pela legislação agrária pouco antes promulgada. Os dois países anunciavam a sua intenção firme de negociarem rapidamente um tratado de comércio. Os Estados Unidos assumiam o compromisso de prestar ao México um auxílio financeiro substancial a fim de que este país pudesse



General De Gaulle

estabilizar a sua moeda. Por último os americanos comprometiam-se a fazer os empréstimos necessários para que o México pudesse intensificar a indústria da extração da prata.

Ao mesmo tempo que negociava com o México, o Governo de Washington seguia com particular interesse a evolução dos acontecimentos na França vencida. O facto de os Estados Unidos nunca se terem decidido a cortar as relações diplomáticas e comerciais com as autoridades de Vichy era, já por si, sintomático. A possibilidade de que os alemães pudessem vir, mais cedo ou mais tarde, a efectuar um desembarque na África francesa constituía uma das preocupações dominantes do presidente Roosevelt e dos seus colaboradores. Segundo a interpretação destes últimos, os portos africanos de Casablanca e Dakar constituíam um objectivo militar essencial para as potências do Eixo que estas não deixariam de procurar conseguir, no caso de as circunstâncias favorecerem os seus desígnios. Foi em obediência a este critério que se orientou a política americana, mantendo aberta, através de tudo, a sua embaixada em Vichy e estabelecendo relações de carácter especial com as autoridades francesas colocadas pelo governo do marechal Pétain nos principais postos civis e militares da África do Norte.

### WEYGAND NO NORTE DE AFRICA

Essas relações tornaram-se particularmente intensas e significativas, depois da nomeação do ge-



General Weygand

neral Weygand para o cargo de delegado geral do governo de Vichy na África do Norte. O general Weygand partiu para desempenhar estas funções, munido de poderes especiais e larguíssimos, funcionando junto do seu gabinete militar, e em colaboração com ele, um gabinete diplomático como se se tratasse de um governo independente ou autónomo que, disfrutando de direitos de soberania, se encontrasse em condições de manter relações normais com as potências estrangeiras. Os membros desse gabinete diplomático estavam em contacto com as autoridades consulares americanas, tendo sido também o consulado americano em Argel munido de poderes especiais para esse efeito.

O governo de Washington estava convencido, os factos ocorridos posteriormente não desmentiram esta convicção, de que o general Weygand se oporia, em caso de necessidade, pelos meios mais enérgicos, a qualquer tentativa de infiltração alemã ou italiana, contrária às cláusulas taxativas dos armistícios assinados pela França. Efectivamente, o general Weygand enquanto exerceu as suas funções, até Novembro de 1941, opôs-se, de maneira formal, à nomeação de novos funcionários para os consulados alemães e italianos existentes na África do Norte e tomou outras providências enérgicas, reveladoras da sua decisão.

Por seu lado o Governo de Washington assumiu o compromisso, que cumpriu, de abastecer a África do Norte de algumas matérias primas indispensáveis à vida económica daquelas regiões e de carburantes. A política americana baseava-se no prestígio e na acção pessoal do general Weygand, mas devia criar raízes bastante fundas para que os seus efeitos viessem a fazer-se sentir mais tarde, influenciando o curso geral da guerra. Quando o general Weygand, em 19 de Novembro de 1941, foi demitido das suas funções, o auxílio por ele prestado à causa americana e aos interesses dos Estados Unidos tinham-se revelado bastante eficazes para que, em 8 de Novembro de 1942, se pudesse verificar um espectacular desembarque de tropas.

#### OS AMERICANOS NAS COLÓNIAS HOLANDEASAS

No dia 20 de Novembro de 1941, o Departamento de Estado publicou uma nota oficial em que se dizia que o general Weygand fora demitido das suas funções. A declaração oficial relativa ao assunto dizia o seguinte: «A demissão do general Weygand é uma consequência da aceitação das exigências de Hitler por parte do governo de Vichy. Essa demissão permitirá a fiscalização completa dos alemães, sob a autoridade francesa, contrariamente às cláusulas expressas do Armistício. Como consequência destes factos, a política dos Estados Unidos em relação à França está a ser revista e foram postos de parte todos os planos para uma assistência económica americana à África do Norte francesa. Resta ver até que ponto Hitler tentará estender a sua influência, pela força ou pela ameaça da força, sobre o Império Colonial Francês.»

Em 24 de Novembro, as autoridades americanas fizeram duas declarações importantes. Uma delas dizia que todas as licenças de exportação para a Argélia, Mar-

rocos e Tunísia, bem como as licenças de exportação de petróleo para a Espanha e suas possessões, tinham sido canceladas. Outra declaração informava que o governo dos Estados Unidos, em estreita cooperação com o governo do Brasil, tinha resolvido estender a sua protecção à Guiana holandesa e às suas minas de bauxite. Uma declaração suplementar informava que as tropas americanas iriam cooperar com as tropas holandesas na defesa das Índias Orientais, como consequência inevitável dos acontecimentos que, segundo se esperava, viriam a produzir-se no Pacífico, dentro dum prazo relativamente curto.

Toda a imprensa americana acentuou nessa altura que uma grande parte da actividade da indústria americana, que utilizava o alumínio dependia dos fornecimentos das colónias holandesas do Pacífico e da América. No

francesas existentes no Norte de África e, por outro lado, estendia ao movimento do general De Gaulle os benefícios substanciais da lei de Empréstimo e Arrendamento. Os acontecimentos demonstraram que esta concepção tripartida da França e do seu Império Colonial podia vir a traduzir-se em consequências particularmente favoráveis para a causa das Nações Unidas. A diplomacia americana que, ao contrário do que muita gente pensa, não desdenha os métodos tradicionais na Europa, demonstrou, nessa altura, a sua maleabilidade e a sua capacidade para enfrentar os problemas mais árduos, dominando-os e impondo para eles soluções favoráveis. Os funcionários do Departamento de Estado e os técnicos que com eles colaboraram deram, nessa altura, a medida exacta do seu senso político e da sua aptidão técnica. Não devem procurar-se noutros

postas restrições que o público aceitou de bom grado, reconhecendo a gravidade da situação.

Ao mesmo tempo, as organizações sindicais americanas, especialmente aquelas que estavam relacionadas com a indústria pesada, não abandonavam nem as suas reivindicações particulares nem a concepção tradicional entre o operariado norte-americano, de que a greve é uma solução sempre oportuna e algumas vezes eficaz nos conflitos do trabalho. A União dos Mineiros, especialmente, a qual fazia parte da organização confederal dirigida pelo sr. John Lewis, recorreu por mais de uma vez à greve, tendo o sr. Lewis aproveitado a ocasião para manifestar pública e ostensivamente, como era costume seu, a hostilidade que o animava em relação ao presidente Roosevelt e à orientação por este seguida em matéria de política interna e externa. Apesar de tudo, a greve desencadeada sob a inspiração do sr. John Lewis pôde ser resolvida de maneira satisfatória, tendo para isso contribuído o presidente da Federação dos Industriais do Aço, Myron Taylor. Este nome corresponde, precisamente, à personalidade do diplomata que o presidente Roosevelt, por mais de uma vez, desde o início da conflagração actual, enviou à cidade do Vaticano.

#### A OCUPAÇÃO DAS FÁBRICAS

Os conflitos do trabalho nem por isso deixaram de se agravar em alguns sectores da produção, o que levou o presidente Roosevelt a adoptar uma atitude mais enérgica. Em 30 de Outubro, o presidente ordenou a ocupação de uma fábrica pelas autoridades militares e pela força pública. O mesmo aconteceu dez dias depois, num dos grandes estaleiros da Califórnia, que foi ocupado por forças de marinha, em consequência do movimento grevista desencadeado por inspiração do sr. John Lewis. Na indústria do carvão, também se registaram tendências acentuadas para desencadear movimentos grevistas mas a arbitragem pessoal do Presidente evitou que nas minas se produzissem acontecimentos de gravidade. Nos caminhos de ferro, também se registaram tendências análogas. No dia 1 de Dezembro, falou-se de uma greve geral dos ferroviários.

A greve anunciada não chegou a desencadear-se naquela data. Seis dias depois, tinha lugar o ataque japonês a Pearl Harbour. A ofensiva japonesa contra a principal base aérea e naval que os americanos possuíam no Pacífico funcionou como um tónico, de poder excepcional, para revigorar as energias da nação e para realizar instantaneamente a unidade nacional. As questões entre o capital e o trabalho, entre patrões e operários, cessaram como por encanto. O mesmo pode dizer-se do conflito, tão aceso pouco tempo antes, entre isolacionistas e intervencionistas e da querela sempre latente entre democráticos e republicanos. Todas as divergências se aplacaram como por encanto; todas as rivalidades desapareceram como por milagre. A nação americana apresentou-se, aos olhos do mundo, tendo redificado a sua unidade considerada indispensável, para enfrentar as exigências da luta em que o país se via envolvido, apesar das intenções pacíficas invariavelmente afirmadas pela sua população.

(Continua)



Os dois chefes operários americanos: John Lewis e Philip Murray

dia 24 de Novembro, as primeiras tropas americanas efectuavam o seu desembarque em território holandês.

#### A PREPARAÇÃO DIPLOMÁTICA DO DESEMBARQUE

A estas decisões sintomáticas da vontade que animava o governo americano de fazer todos os preparativos necessários para que o país não estivesse desprevenido, no caso de vir a envolver-se em hostilidades, deve acrescentar-se a resolução, tomada na mesma altura, de alargar ao movimento da França Livre, chefiado pelo general De Gaulle, os benefícios da lei de Empréstimo e Arrendamento. O presidente Roosevelt escreveu nesse sentido uma carta ao administrador da lei de Empréstimo e Arrendamento, sr. Stettinius, mostrando a conveniência que havia para a defesa dos Estados Unidos e do hemisfério ocidental, em auxiliar o movimento chefiado pelo general De Gaulle. O reconhecimento diplomático desse movimento pareceu nessa altura iminente mas não chegou a traduzir-se em actos oficiais. O governo de Washington continuou a reconhecer oficialmente a existência do governo de Vichy, enquanto, por um lado, negociava de maneira especial com as autoridades

factores as origens do movimento de desembarque que os americanos vieram a efectuar na costa da Argélia e de Marrocos aproximadamente um ano depois. O cônsul geral, sr. Murphy, foi o precursor hábil e pertinaz que preparou o caminho ao general Eisenhower.

#### OS CONFLITOS DO TRABALHO

No começo de Outubro, os Estados Unidos, embora se não encontrassem oficialmente em guerra, adaptaram a sua economia às exigências da luta militar que se ia estendendo por toda a parte. Apesar das dificuldades verificadas e reconhecidas, a máquina industrial americana continuava a aumentar a sua produção nas várias modalidades de material necessárias à condução da guerra. Ao mesmo tempo, as indústrias de paz entravam em franco declínio e começava a tornar-se evidente que a sua produção se não prolongaria por muito tempo. Uma das indústrias desta categoria, imediatamente afectadas, foi a das artes gráficas, pois a produção de papel diminuiu num ano em proporções apreciáveis. A indústria do livro e a imprensa periódica ressentiram-se deste facto. Ao consumo de carburantes e às indústrias relacionadas com o desenvolvimento do turismo, foram im-

### UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

### «HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

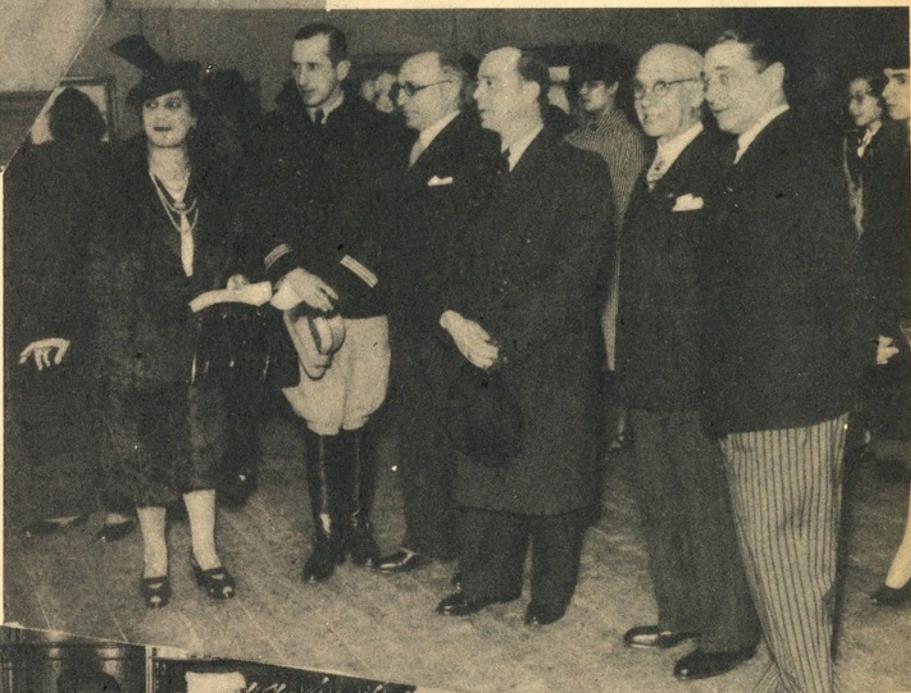
Preço avulso: 11\$00



# Entre nós



Francisco Maya expõe pela segunda vez no S. P. N. os seus quadros. Apesar de ter vinte anos, os trabalhos apresentados revelam valor e talento. Ao acto inaugural da exposição assistiram os srs. dr. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional, e António Ferro e António Eça de Queiroz, respectivamente director e sub-director daquele organismo do Estado.



A exposição de pintura de Eduarda Lapa, nas Belas Artes, foi inaugurada com a presença do sr. capitão Carvalho Nunes, como representante do Chefe do Estado, tendo-se também feito representar, pelo sr. João de Macedo Chaves, o sr. governador civil do distrito.



Mestre Acácio Lino, que pela primeira vez expôs em Lisboa os seus trabalhos, foi alvo de várias homenagens. A última foi um banquete que em sua honra se realizou num dos restaurantes da capital. A presidi-lo esteve o pintor Domingos Costa, o mais velho dos artistas presentes, que tinha à sua direita o homenageado, e a rodeá-lo, nos lugares de honra, os pintores António Saúde, Conceição Silva, Falcão Trigo, João Reis, Varela Aldemira e o escultor João da Silva. Aos brindes, louvando o pintor e a sua obra, falaram os srs. eng. Ressano Garcia, pela S. N. de Belas Artes; Romano Esteves, por si e pelo Museu de Arte Contemporânea; arquitecto Carlos Ramos, por si e professores da Escola de Belas Artes do Pôrto; os pintores João Reis, Falcão Trigo e Conceição Silva, este com delegação também de Mestre Ezequiel Pereira; e o escultor João da Silva, e drs. Pedro de Aguiar e João de Deus Ramos.

A volta da conhecida declamadora Alice Oeiras sentaram-se, no último domingo, mais de sessenta filiados no Grupo «Tábua Rasa». A festa que se realizou no Hotel Internacional, teve como motivo a passagem do seu aniversário natalício. Ao lado da homenageada sentaram-se os srs. drs. Hernani Cidade, Cortez Pinto, Alvaro Caires, Emil Ferreira, coronel Lopes Galvão, maestro Artur Trindade, etc. No final do banquete, que foi precedido dum serão artístico, em que tomaram parte diversas individualidades em destaque no nosso meio literário, foram feitos entusiásticos brindes, que Alice Oeiras agradeceu muito sensibilizada.



# Panorama Internacional

## Para um ano de BATALHAS

**C**OM Janeiro no fim, a guerra não deu mostras de oferecer, à entrada do «ano difícil», algo de surpreendente, mas por detrás de toda esta relativa suspensão escutam-se rumores de preparativos e aprestos, divisam-se sinais de agitações e de febres que não tornam em grande risco aguardar acontecimentos, se não iminentes, certamente estrondosos.

### A SEGUNDA FRENTE EM ACÇÃO



HITLER

Como já escrevemos, a batalha que primeiro foi de Estalinegrado (hoje chamada «ponto de apoio» pelos alemães, e onde o general von Paulus ainda tem uns cem mil homens, passou depois a ser a do cotovelo do Don, e em seguida mudou-se na Donetz até transitar para a bolsa enorme do Cáucaso no segunda meado de Dezembro.

Pode traçar-se a frente até à confluência do Donetz, ao norte do Don, numa linha geral de diagonal que vem das alturas, a norte de Vorochilovgrado, na margem esquerda do Donetz, pelo arco de ferradura com que o general Golikov está fazendo tremendo esforço para desfazer esse gonzó fundamental do actual sistema de defesa alemã, e segura a outra extrema em Orlovka, já sobre a esquerda do Don, para oeste daquela confluência.

Von Manstein, o conquistador de Sebastopol, estava ali lançando, a 15 deste mês, contra tudo o de que dispõe para levar à maior tensão a resistência à teimosia do seu rival Rokossovsky, e é essa a zona vital da batalha, na protecção tenaz do corredor de Rostov para o Cáucaso.

Para o sul do Don, pode dizer-se também que aquela diagonal se prolongava, naquele dia, em três movimentos do ataque russo: um por Proletarskaya contra Salsk (novo centro dá resistência germânica), que tem um grande obstáculo no canal do rio Manych, outro em Divnoe e outro em Budenovsk, depois de transposto o rio Kuma, na grande batalha da primeira semana deste mês. Toda esta fase da parte caucásica da ofensiva moscovita virá-se no sentido sudoeste para o Mar Negro, já saída das estepes do país dos Kalmuks.

O restante da enorme bolsa é fe-

rido em Misservalvody, pelo fundo dela, desde Georgievsk, ao longo do caminho de ferro de Grozny a Rostov, visando outra grande linha da defesa e protecção alemã que se descreve desde o pórt de Tuapse por Maikop, Armavir e Vorochilovsk, e tem o seu melhor suporte no curso do Kuban, rio que corre na região cossaca do mesmo nome.

O movimento alemão de rectificação de frente só se encontra na primeira fase. As indicações que aí deixamos habilitam rapidamente o leitor a verificá-las em qualquer gráfico e a seguir «grosso modo» a marcha da nova fase que tudo indica ele vai ter.

Se considerarmos o enorme efeito politico-militar da vitória de Montgomery no norte de África, desde o Egito à Tripolitânia, sem a qual o corpo expedicionário de Eisenhower não haveria podido desembarcar na África francesa. Mas tudo se compreenderá melhor, no exacto sentido dessas palavras, desde que se avalie a absorção profunda de efectivos — aliás ainda inculcados — da defesa alemã perante um assalto desta categoria, que logo ao terminar de Novembro deve ter impedido o envio a Rommel dos reforços que requeria para enfrentar o adversário em manobra no deserto da Libia.

### APRESTOS



GIRAUD

De facto, tudo o que decorre no norte de África assinala, da parte dos aliados e dos alemães, um alto de marcha, cuja explicação nem pode estar só nos reagrupamentos de forças para reatamentos de operações, nem na perturbação desconcertante que lavra na retaguarda politica dos centros militares anglo-franco-americanos.

Quanto aos primeiros, as mais recentes informações da agência alemã e dos correspondentes londrinos atestam que a acumulação de meios está sendo aprontada no 8.º exército. E pelos combates na Tunísia, sobretudo de Kairnan para o sul, no sector das tropas francesas do general Juin, que, em coordenação com a marcha do bravo general Leclerc cuja testa já se uniu em Gadamés, segundo se disse, as tropas meharistas do general Giraud, — vê-se que, o 1.º exército de Anderson e o 5.º recém-formado do general americano Clark, não andam inactivos.

No dia 14, os alvos dos bombar-

deamentos a Gabes e a Tripoli deixavam prever aquêle anunciado duplo ataque a Rommel que, nesta conjuntura, com os reforços que, sobretudo em aviação, tem recebido, o espera entre o «wadi» de Zem-Zem por leste, o sul da Tripolitânia (para alguma coisa hão chegado grandes contingentes anglo-americanos a Dacar e à zona marroquina) e por oeste no sul da Tunísia nas alturas da famosa Linha Maret que, após o Armistício, os italianos trataram de desarmar mas que pode estar agora aprestada para defesa, segundo opiniões dos peritos militares franceses.

A frente do general von Arnim que, como se sabe, veio destacado para o comando da Tunísia, em substituição de von Nehring, corta ao longo da costa protegendo, como em corredor de comunicações entre ele e Rommel que tem o seu ponto nevrálgico de ligação no sector sul, de Gafsa, onde se protegê o pórt de Gabes.

A batalha do norte de África deve, pois, travar-se oportunamente. Mas não propriamente sobre Bizerta ou Tunes, senão na faixa litorânea do Golfo de Gabes.

Isto mesmo explicaria, mais ou menos cabalmente, a suspensão de operações importantes que tanto num campo como noutro tem sido notada. E mais é de lembrar o afã com que o general Giraud andou percorrendo a zona vastíssima do bloco francês africano e ordenando o levantamento do exército de África, computado para umas 15 a 20 divisões; e que se von Arnim e Rommel houvéssem com quê, já teriam atacado a estas horas, impedindo que se formasse, como se formou, contra ele, a frente dos exércitos aliados.

### A QUESTÃO FRANCESA



DE GAULLE

A situação politica em África é que ainda não se alimpou e ela reflecte-se, evidentemente, no ambiente geral das operações militares.

Com lucidez advertiu há pouco o general Giraud de que convém olhar com atenção para a força do adversário: «Setenta mil alemães — disse ele — vieram à Tunísia para salvar o exército de Rommel e acrescentou: «Um exército bem equipado, que

sabe combater, enfrenta os exércitos americano e britânico, assim como as tropas francesas. As operações parecem desenvolver-se vagarosamente, mas devemos ter em conta o carácter do país, assim como a importância das posições ocupadas. As coisas podiam desenvolver-se mais rapidamente, mas a um preço que seria muito desproporcionado aos resultados obtidos. A América prometeu-nos material de guerra. Nós aprenderemos a combater esta guerra em 1943, e quando o nosso exército francês estiver pronto, entraremos na batalha. Como não se pode improvisar um exército no campo de batalha, será unicamente um exército francês que saiba combater, e que está disposto a combater, que eu comandarei na batalha, no momento oportuno».

Para salvar dificuldades, enviou a Inglaterra, depois de tempo preciso, um ministro especial e extraordinário, Mac Millan, a entender-se com o americano Murphy.

Entretanto, atavam-se mais as negociações e bons officios para colorir De Gaulle a Giraud.

Mas os veios daquela perturbação politica reevlam-se mais fundos, por ordem do general Bergeter, em consequência dos interrogatórios das primeiras dōze pessoas detidas, e para levar por diante o inquérito acerca do assassinio do almirante Darlan. E continua a ser desconcertante que entre essas pessoas presas se encontrem algumas de importância, das quais algumas até auxiliaram os desembarques americanos, depois de terem tomado parte nos preparativos feitos com o general Clark, durante a sua missão secreta à África, antes dos desembarques, o que torna ainda mais volumoso o mistério que ainda rodeia aquêle crime.

Há poucos dias, o jornal gaullista «France» publicou em Londres promores da identidade de Bonnier de La Chapelle, que pertencia ao partido de resistência contra a Alemanha. Segundo eles, há uns vinte anos, a herdeira da grande firma editora Hetzel, Catherine Hetzel, casou com Fernand Bonnier de La Chapelle, cujo irmão casou com uma senhora italiana. Tiveram um filho que foi educado na Ecole de Roches, em França, e que depois foi para a Argélia, onde seu pai era jornalista. E foi este manco que matou Darlan. O mesmo jornal também explica o seu distante parentesco com o escritor Drieu La Rochelle, que é a favor dos alemães. Isto, porém, nada esclarecia. De

repente, apareceu outra notícia sensacional:—Colling Hood, correspondente da Columbia Broadcasting em Argel declarava que certos monárquicos franceses haviam tomado parte no assassinio de Darlan, por este se recusar a facilitar os seus planos de um golpe de Estado que entronizaria o Conde de Paris. Mas a rede ainda ia mais longe, porque no dia 8 o «Daily Express», com retrato do pretendente, noticiando a chegada deste a Argel, donde desaparecia a caminho de Tanger no dia 13, punha tudo em pratos limpos. Já no dia 2 o correspondente diplomático do «Times» escrevia que o assassinio do almirante aDrlan, que teve sempre o carácter da eliminação de um obstáculo muito poderoso, não simplificara a situação em Africa.

Se mal estava, pior ficou. A idéja da formação de um governo provisório, lançada quasi «sine qua non» por De Gaulle, veio ainda aguçar a questão. Como aqui contamos, a divergência de tritérios cavára-se mais. De um lado, entende-se que o primeiro objectivo é o da vitória, ao qual devem sacrificar-se todos os outros. É o ponto de vista de Washington e de Eisenhower, a quem Roosevelt acaba de reiterar a plena confiança do seu governo e o de Giraud. De outro lado, julga-se que o aplanamento prévio das divergências políticas é condição primordial da unidade militar que dará a vitória.

No dia 15, chegaram noticias demonstrativas de que o acôrdo da Inglaterra e dos Estados Unidos fora fixado. O ministro britânico no Norte de Africa disse que tanto a Grã Bretanha como os Estados Unidos esperam que os generais De Gaulle e Giraud cheguem a um próximo acôrdo.

Depois de ter declarado que o general Giraud espera igualmente chegar a acôrdo, acrescentou que todo o Governo, qualquer que ele seja, no Norte de Africa, será consideravelmente provisório. Esta declaração aplica-se ao Governo de De Gaulle — caso seja o dêle. A politica do Governo Britânico procura que a França e os outros países ocupados fiquem livres para escolherem a sua própria forma de Governo depois da guerra.

Mac Millan prosseguiu: «Devemos criar uma situação em que os povos possam exprimir livremente a sua vontade. Devemos prevenir-nos para não criar uma situação em que um grupo autoritário pudesse apoderar-se do contróle e impedir o livre exercicio da vontade do povo. Tenho a opinião que a attitude adoptada para com os judeus deve ser mudada, pois a opinião britânica e dos Estados Unidos não ficarão satisfeitas enquanto ela o não fór. Outras medidas introduzidas desde 1940 devem sê-lo também. Esta operação no Norte de Africa é apenas um prólogo. O que importa é que a lição fique».

Mac Millan sublinhou que falava não só como membro do Governo britânico mas também como membro da equipe diplomática anglo-americana. Explicou claramente que os Governos aliados haviam reconhecido, de facto, apenas provisoriamente, o regime francês actual no Norte de Africa e na Africa Occidental, e que nenhum reconhecimento mais completo seria feito a qualquer Governo, qualquer que fosse a forma de acôrdo entre Giraud e De Gaulle.

Chegara-se, finalmente, a uma base. É esta base coincide precisamente com o ponto de vista que, desde o inicio da malfadada questão, tem sido defendido por

DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

## Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

**M. ME. CAMPOS**

★

**ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA**  
LISBOA — RIO DE JANEIRO

**APRENDA RADIO**

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil

Peça folhetos grátis á

**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12      PORTO

Washington, por Eisenhower, por Giraud e — porque não dizê-lo — pelo próprio Darlan.

De Dacar, o general Giraud afirmou dias antes: «Em politica, temos apenas um fim — libertar a França. Depois, o povo francês estará livre para escolher o governo que quiser. Mas, para vencer, devemos ter ordem na retaguarda e o apoio da França Unida. As discussões políticas são inúteis neste momento».



CATROUX para demorem o que as cricuns-

Não pode ainda divisar-se em que grau influem estas desagradáveis coisas na evolução dos acontecimentos da guerra. O que não se afigura provável é que tanto Roosevelt, como Churchill, se detenham nelas

# ESCUTAI ROMA

NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.50	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
14.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 22	25.10	11950
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 66	19.61	15300
		2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 3	31.15	9630
21.50	Noticiário		221.10	ondas
			263.20	médias
		2 RO 22	25.10	11950
24.00	Noticiário	2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

**CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA**

21.10	aos domingos	39.80
21.20	às quartas-feiras	31.41

**E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE**

tâncias vão reclamando: — a acção, diante de um inimigo que, não tendo, porque ter não pode, qualquer dúvida sobre a nova fase da guerra, e sentindo a larga a hora decisiva, toma inteligente e energeticamente as medidas aconselháveis.

As fortificações que se levantam no sul da França, na Itália e na Sicília, e na Grécia, e ao abandono de alguns antigos aeródromos na zona do litoral francês, e às das regiões de Namur e da linha do Mosa, aparecem juntas agora, no momento das agitações políticas na Roménia, onde o estado de sitio se ampliou ao sul da Transilvânia e das prisões de agitadores feitas pela policia búlgara, concentrações de fortes unidades alemãs de ligação e sapadores no reino do rei Boris, acelerando as construções de barragens fortificadas paralelas á fronteira turco-búlgara e a 30 quilómetros desta.

Em todo o Dodecaneso se aprontam as defesas italo-alemãs, ante-endo-se na actual organização militar anglo-americana da ilha de Chipre, que ela venha a desempenhar importante papel na primavera.

A visita do general Alexander — diziam há pouco da capital turca — durante os dias do Natal, á referida ilha, é considerada particularmente significativa e faz-se notar a importância de Chipre como porta-aviões de onde é possível atacar não só o Egeu como o sul da Europa, não restando dúvida de que o Egeu virá a ser teatro de importantes acontecimentos.

Também todo o norte da Noruega está a ser evacuado de população civil pelos alemães, para o efeito de instalação de defesas das bases donde partem os ataques do «Eixo» aos comboios de abastecimento aliados para a Rússia, o último dos quais, há dias, originou uma brilhante vitória naval da esquadra britânica sobre as unidades inimigas.

Finalmente, em consequência das conferências realizadas em Berchtesgarden a 18 de Dezembro, entre Hitler, Ciano e Laval, e dos célebres dez pontos que nela se fixaram para o acôrdo da integral colaboração de Vichy com Berlim, — que envolvem a entrega dos navios que se salvaram em Toulon e de 400 operários franceses maciçamente a empregar na industria de guerra alemã e ao «contrôle» germânico da industria das finanças e da agricultura francesas — os dois departamentos do Pas de Calais, abrangendo Dunquerque, Calais e Boulogne, em frente á Inglaterra, com 100 milhas de costas, são passados ás mãos da Alemanha como grande testa de ponte ou base central de um baluarte.

O bastião alemão europeu parece, pois, ter começado a sua velada de armas ao longo das muralhas.

Fóra delas, na vastidão dos mares, o almirante Raeder ordenou ao almirante Doenitz o recrudescimento da guerra submarina, ácerca da qual disse há dias o primeiro Lord do Almirantado britânico, Alexander, secundado depois por toda a imprensa inglesa e americana:

«Encontramo-nos numa fase difícil e séria da guerra marítima. Não desejo que ninguém neste país ou em qualquer outra parte se entregue a falso optimismo, que poderia contribuir para diminuir o seu esforço. Temos realizado magnifico trabalho, mas para terminarmos esta luta necessitamos do pleno esforço de todos, antes de termos completamente derrotado a ameaça submarina. É essencial para a vitória nesta guerra que essa ameaça seja batida».

O ano de 1943 verá necessariamente o que a humanidade ainda não viu.



LEIA NÊSTE NÚMERO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

## **Josefina Baker vai voltar a Lisboa?**

UMA REPORTAGEM DE **Fernanda Reis**